



Nas cicatrizes do Velho Chico

Redesenho do Mercado do Peixe de Propriá

Vinícius Romano Santos
Anália Amorim
FAUUSP

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho Final de Graduação
2021

**Nas cicatrizes do Velho Chico:
Redesenho do Mercado do Peixe de Propriá**

Palavras-chave: Rio São Francisco, Mercado do
Peixe, Propriá

Vinícius Romano Santos
Orientadora: Dra Anália Amorim

A meu pai, Ronaldo, idealizador e inspiração
maior no desenvolvimento deste trabalho
In memoriam

Agradeço

à Anália Amorim pelas orientações, ensinamentos e paciência ao longo desta longa viagem,

à Kátia, minha mãe, por sempre nos incentivar a seguir nossos sonhos, nos dar as ferramentas necessárias e caminhar conosco em busca deles,

à Thais e aos meus irmãos, Caio e Talia, por estarem sempre comigo, me ajudarem e me apoiarem em minhas decisões,

à toda minha família por tantas alegrias e tanto apoio em diversos momentos ao longo da graduação e da vida,

a todos professores e funcionários da FAUUSP pela troca de conhecimentos, experiências e por manterem a instituição,

aos amigos que pude conhecer e acompanhar nesses anos de FAU, os quais tornaram o aprendizado e a

vivência mais leve,

ao Alessandro, André, Fernando e Ivan pela amizade e proximidade que desenvolvemos, fator fundamental para chegar onde estamos hoje,

à cada um dos fotógrafos, artistas e escritores que contribuíram com a estruturação deste caderno,

às tantas Franciscas, Franciscos e todo povo barranqueiro que compartilharam, mesmo que involuntariamente, suas belas e ricas histórias, fundamentais no desenvolvimento deste trabalho.

Sumário

1 O São Francisco território: chegadas, impressões e exploração	
1.1 As primeiras impressões	05
1.2 A Bacia do rio São Francisco	12
1.3 O Baixo São Francisco	26
1.4 As hidrelétricas	28
2 Franciscas, franciscos e outros personagens	
2.1 O sanfranciscano	39
2.2 As lavadeiras do Velho Chico	62
2.3 Águas que contam	68
2.4 Palco de festas	69
2.5 As carrancas sanfranciscanas	70
2.6 Águas para navegas	80
2.7 A pesca e o pescador	96
3 Em foco: Propriá	
3.1 A formação da cidade	111
3.2 Da prosperidade à queda	118
3.3 As feiras e o comércio propriaense	124
3.4 Propriá e o rio São Francisco	126
4 O Projeto: Redesenho do Mercado do Peixe	
4.1 Leitura urbana da cidade de Propriá: Apontamento das cicatrizes	131
4.2 Partido de projeto	152
4.3 Plantas, cortes e diagramas	155
5 Referências bibliográficas	200

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso visa o redesenho e a ressignificação do Mercado do Peixe da cidade sergipana de Propriá. Durante o decorrer dos anos, o povo propriaense viu sua cidade se desenvolver de costas para o rio São Francisco, afastando-o cada vez mais da dinâmica da cidade. A materialização desse afastamento se encontra na grande estrutura do atual Mercado do Peixe Pedro Lessa, uma verdadeira barreira física e visual entre Propriá e o Velho Chico. Paralelamente, os sanfranciscanos assistiram à deterioração do rio, que culmina atualmente na escassez de água e de peixe, levando ao desaparecimento, aos poucos, da profissão de pescador artesanal.

Com base nesses pilares, faz-se no decorrer do caderno uma construção da paisagem local, através de um levantamento fotográfico junto a uma busca por poemas, trechos musicais e da literatura que mostram e bem descrevem as paisagens do Rio São Francisco e de Propriá. Por fim, com toda bagagem

e conhecimento levantado, propõe-se a retirada e utilização do que venho a chamar de “Cicatrices do Velho Chico”, sobre as quais proponho tanto o redesenho do Mercado do Peixe em palafita, quanto a criação de uma estrutura de terminal de pesca junto a uma praça coberta, expandindo os abrigos e refúgios para o povo propriaense.

This course conclusion work aims to redesign and the resignification of the Fish Market in Propriá city, in Sergipe. Over the years, the people from Propriá saw their city develop with its back to the São Francisco River, moving it further and further away from the city's dynamics. The materialization of this detachment is found at the large structure of the current Pedro Lessa Fish Market, a real physical and visual barrier between Propriá and The Old Chico. At the same time, the population of São Francisco watched the deterioration of the river, which currently culminates in the scarcity of water and fish, leading to the gradual disappearance of the artisanal fisherman profession.

Based on these pillars, the local landscape construction is made throughout the notebook, over a photographic survey with search for poems, musical and literature excerpts that show and describe the landscapes of the São Francisco River and Propriá. Finally, with all the baggage and knowledge raised, it is proposed the removal and use of what I called

Abstract

“Scars of the Old Chico”, where I propose the redesign from both the Fish Market on stilts, as the creation of a structure to the fishing terminal next to a covered square, expanding the shelters and refuges for the people of the city.

1 O São Francisco território: chegadas, impressões e exploração

As primeiras impressões

Há relatos e registros de ocupações nas margens do que hoje conhecemos como Rio São Francisco desde muito antes da chegada dos portugueses na costa brasileira. Os primeiros habitantes da região foram indígenas que chegaram por volta do início do oitavo milênio a.C, ocupando os atuais Baixo e Médio São Francisco. Chamavam-no de Opará, Rio-mar em sua língua, alusão clara à imensidão das águas do rio.

Foi em 4 de outubro de 1501 que o rio foi rebatizado, quando uma expedição exploratória pela costa brasileira comandada por Américo Vespúcio desembarcou em sua foz. Como de costume na época das navegações, a esse foi dado o nome do santo comemorado no dia pela igreja católica, São Francisco de Assis. os historiadores quanto à exatidão das datas e dos navegantes.

Era iniciado um processo de sucessivas excursões e explorações rio a dentro. A essa altura, os portugueses já estavam animados e interessados nas riquezas

que poderiam existir no local. Já em 1534, o primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho de Pereira, percorre rio acima, partindo de sua foz, e encontra um pequeno povoado à margem direita do rio. Em 1560, esse povoado vem a ser reconhecido como Penedo do São Francisco, já sob domínio do segundo donatário, Duarte Coelho Pereira de Albuquerque.

Anos depois, em 1587, Gabriel Soares de Souza, colono português com inúmeras posses de terras no recém descoberto continente, consegue permissão para explorar o curso do rio São Francisco atrás de ouro e pedras preciosas. Como forma de mostrar que não era apenas um viajante a desbravar o continente, elabora o “Tratado Descritivo do Brasil” no mesmo ano, obra em que descreve com detalhes e sob a ótica e interesse colonizador as riquezas e potencialidades que encontra no percurso, além de detalhar como vivem os habitantes ribeirinhos:

“Ao longo deste rio vivem agora alguns caetés, de uma banda, e da outra vivem tupinambás; mais acima vivem os tapuias de diferentes castas, tupinaés, amoipiras, ubirajaras e amazonas; e além delas vive outro gentio (não tratando dos que comunicam com os portugueses), que se atavia com jóias de ouro, de que há certas informações. Este gentio se afirma viver à vista da Alagoa Grande, tão afamada e desejada de descobrir, da qual este rio nasce. E é tão requestado este rio de todo o gentio, por ser muito farto de pescado e caça, e por a terra dele ser muito fértil como já fica dito; onde se dão mui bem toda a sorte de mantimentos naturais da terra.”¹

Enquanto os colonizadores avançavam, os indígenas tentavam resistir²². Alguns fugiram continente adentro, muitos foram exterminados e outros, catequizados. Foi um processo de guerras e disputas que perdurou por anos. Missões exploratórias e missões catequizadoras surgiam cada vez mais e, com elas, disputas por poder e terras nas margens do rio e dentro do território. Uma das missões religiosas que se tem relato foi a do capuchinho (Ordem

franciscana) francês Frei Martinho de Nante que, chegando ao Brasil em 1671, descreveu sua missão pelos povos à beira do São Francisco e as disputas locais:

“Um ano ou quase depois de minha entrada na missão do rio de S. Francisco, um inimigo poderoso, sentindo que eu contrariava suas intenções e seus planos, teve malícia bastante e poderes suficientes para fazer fugir uma grande parte da aldeia de Uracapá, por influência de alguns presentes que ele lhe fazia e de promessas de que lhe conseguiria outro padre muito melhor do que eu, com a preocupação de me obrigar a abandonar a missão. Mas Deus castigou incontinenti os próprios fugitivos, pela morte de dois deles, o que fez com que os outros, percebendo que se tratava de um castigo de Deus, voltassem logo e muito alarmados.”²

Quando no Brasil em 1859, Dom Pedro II tinha como uma de suas intenções visitar o rio São Francisco, até então tão retratado e descrito por quem o conhecia. Na companhia da imperatriz D. Teresa

1. Varnhagen, Francisco Adolfo de., Sousa, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Brasil: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

2. Lima Sobrinho, Barbosa. Relação de uma missão no Rio São Francisco. Brasil, Companhia Editora Nacional, 1979.



Fig. 01. Le Rio San Francisco et le Fort Maurice, Brésil. Frans Post, óleo sobre tela, 1625-1650



Fig. 02. Cachoeira de Paulo Afonso. Germano Wahnschaffe, óleo sobre tela, 1863

3. MARTIN, Gabriela. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco. Brasil, UFPE, 1998.

Cristina, o imperador percorreu trecho do rio, ficando impressionado com sua dimensão. Tamanha foi a surpresa ao avistar as quedas de Paulo Afonso que, ao retornar a Portugal, pede ao fotógrafo Auguste Stahl para registrar a paisagem, que viria a se transformar em uma pintura a óleo feita pelo alemão Germano Wahnschaffe (Figura 02). A mesma paisagem fora retratada anteriormente pelo holandês Frans Post.

Ainda no século XIX, em meio a processos de modernização ocorridos no mundo, o Império brasileiro inicia pesquisas e investidas, dentre outras frentes, em estradas de ferro e melhorias nos sistemas de navegação, com o intuito de otimizar a comunicação através do território. É criada, em 1879 a Comissão Hidráulica do Império, que contou com cientistas e engenheiros estrangeiros e brasileiros, dentre eles Teodoro Sampaio, que teve sua nomeação inicialmente oculta por ser o único negro integrante da equipe.

A CHI, como ficou conhecida, acabou no ano seguinte, mas foi responsável por estudos e projetos que mais tarde vieram a otimizar a navegação e exploração

pelo Rio São Francisco. Os desenhos e anotações de Teodoro Sampaio serviram de base para, mais tarde, escrever seu livro “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina”, uma rica referência sobre as paisagens sanfranciscana.

“O destino trágico das populações nativas que habitavam nas margens do grande rio nordestino desde há dez mil anos, foi selado nessa data [4 de outubro de 1501], mesmo que a colonização européia do vale sanfranciscano ainda demorasse algumas décadas”³



Fig. 03. Cachoeira de Paulo Afonso. Foto: Claudio Xavier Sá, 1980.

“Paulo Afonso vê-se, sente-se, não se descreve”

Teodoro Sampaio

A Bacia do Rio São Francisco

2700 quilômetros. 507 municípios. 6 estados. 168 afluentes. Rio São Francisco. Velho Chico. Rio da Unidade Nacional. Rio dos Currais. Nilo Brasileiro. Rio das Borboletas. Opará. Água. Água para beber. Água para banhar. Água para pescar. Água para navegar. Água para irrigar. Água para sustentar. Água para sobreviver. Água a acabar.

O Rio São Francisco, maior rio inteiramente brasileiro, nasce na Serra da Canastra, Minas Gerais, e percorre o Brasil em direção à região nordeste. No caminho, corta todo o estado da Bahia e encontra Pernambuco, servindo como divisa natural entre os dois estados. Ainda em seu trajeto, divide espacialmente Alagoas e Sergipe, até desaguar no Oceano Atlântico.

O Velho Chico, como é carinhosamente conhecido, é o principal rio da Bacia Hidrográfica que leva seu nome. Conta ainda com outros 168 afluentes, dos quais podemos destacar os rios Paraopeba, das Velhas, Abaeté, Jequitaí, Paracatu, Urucaia, Verde

Grande, Carinhanha, Corrente e Grande.

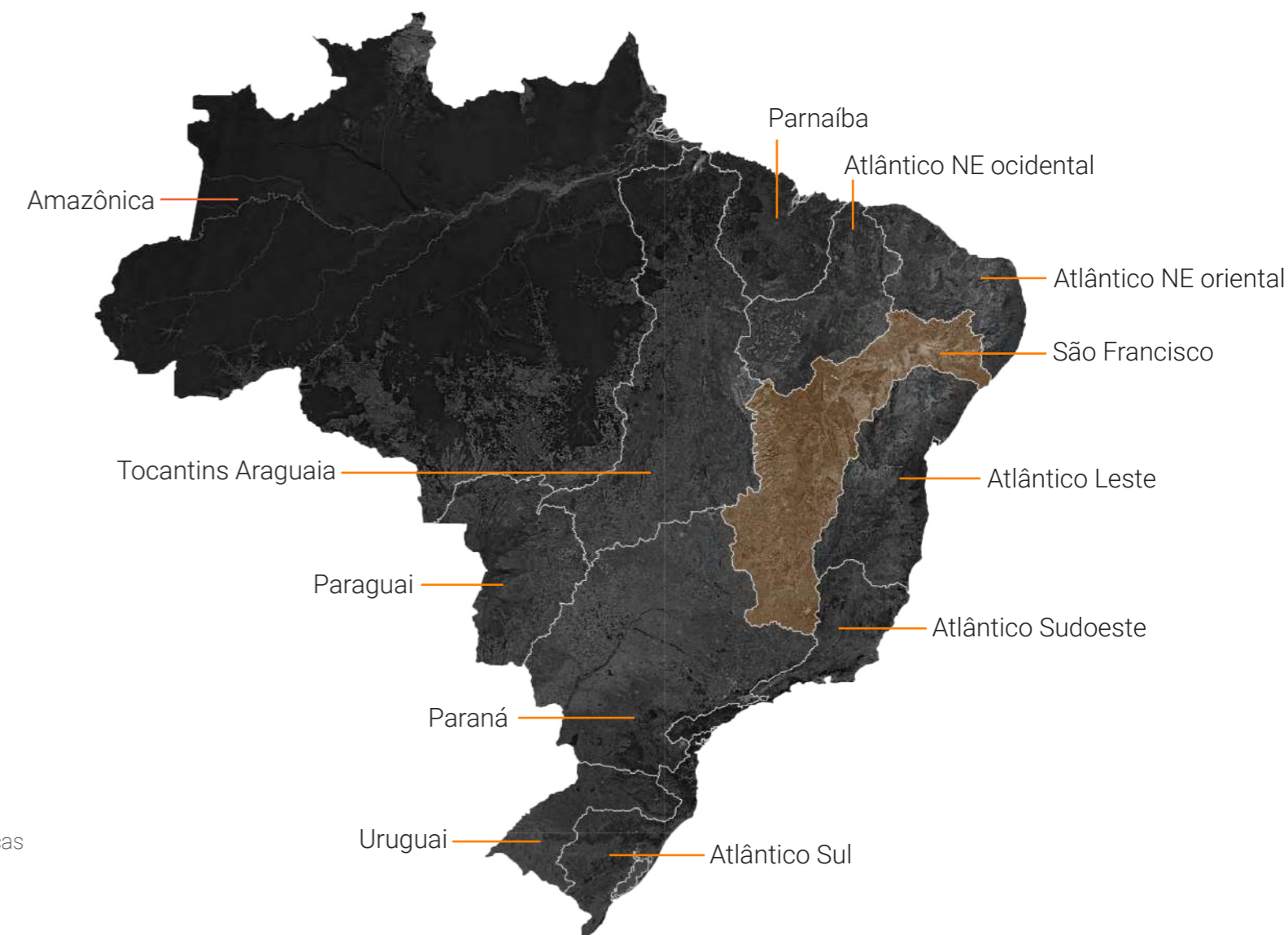
A Bacia do Rio São Francisco possui 639.219 Km² de área de drenagem, o que corresponde a 8% do território nacional e abrange, além dos estados citados anteriormente, o estado de Goiás e o Distrito Federal. No caminho, leva água por grande parte do semiárido brasileiro, aumentando as possibilidades econômicas e de sobrevivência das populações ali instaladas.

Da nascente até a foz, a bacia percorre biomas como o cerrado, a caatinga e a mata atlântica, ajudando a desenhar diferentes paisagens, assim como manter espécies da fauna e da flora brasileira, além de ajudar a escrever novas histórias.

A Bacia, uma das 12 presentes no Brasil, é ainda subdividida em quatro: Alto (40% da área da BH), Médio (39% da área da BH), Submédio (16% da área da BH) e Baixo São Francisco (5%).

Por atravessar climas e cenários dos mais diversos,

os afluentes do Rio São Francisco estão sujeitos a enormes alterações sazonais, tanto em seus níveis quanto na largura de seus trechos. Dessa forma, por mais que seja perene, o rio sofre grandes mudanças em seus níveis.



Mapa 01. Bacias hidrográficas brasileiras



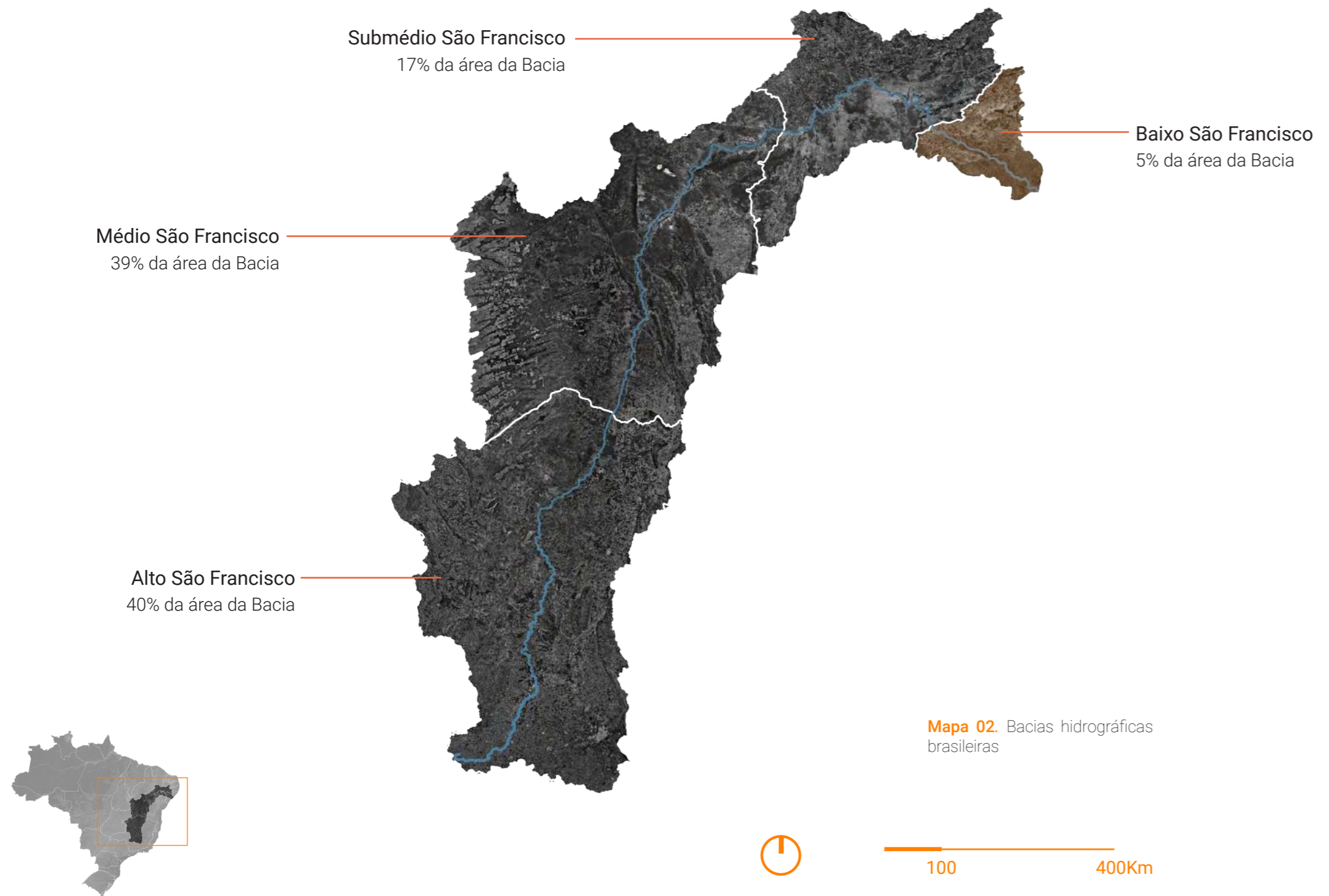




Fig. 04. Bom Jesus da Lapa, Bahia. Foto: José Caldas

“Agora, por aqui, o senhor já viu: o rio é só o São Francisco, o rio do Chico.
O resto pequeno é vereda. E algum ribeirão”

Grande sertão veredas, Guimarães Rosa



Fig. 05. Manga, Minas Gerais. Foto: João Zinclar

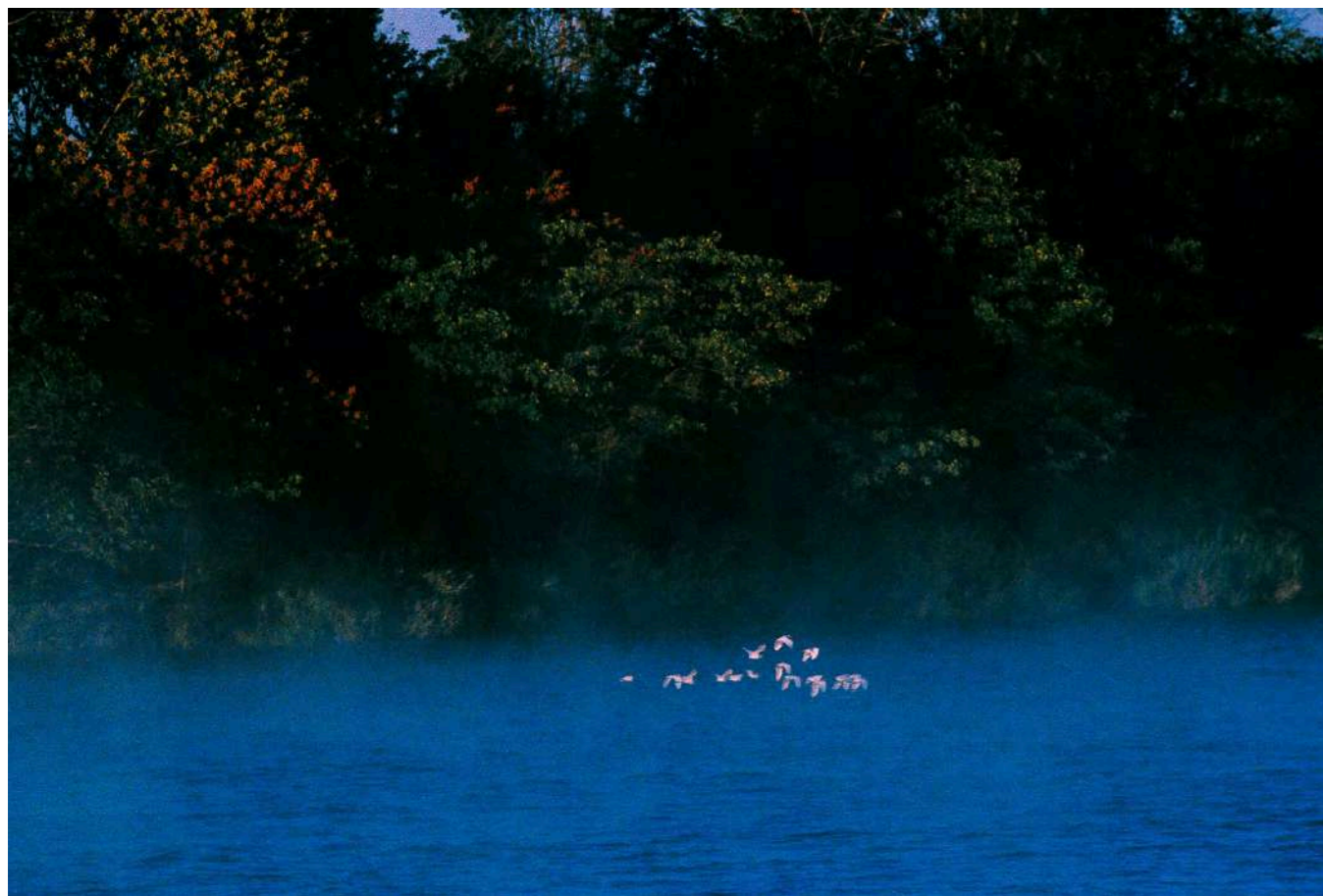


Fig. 06. Foto: José Caldas

“Sua história tem sido a história do sofrimento de um rio que há mais de quinhentos anos é fonte de vida e riqueza.”

Grande sertão veredas, Guimarães Rosa

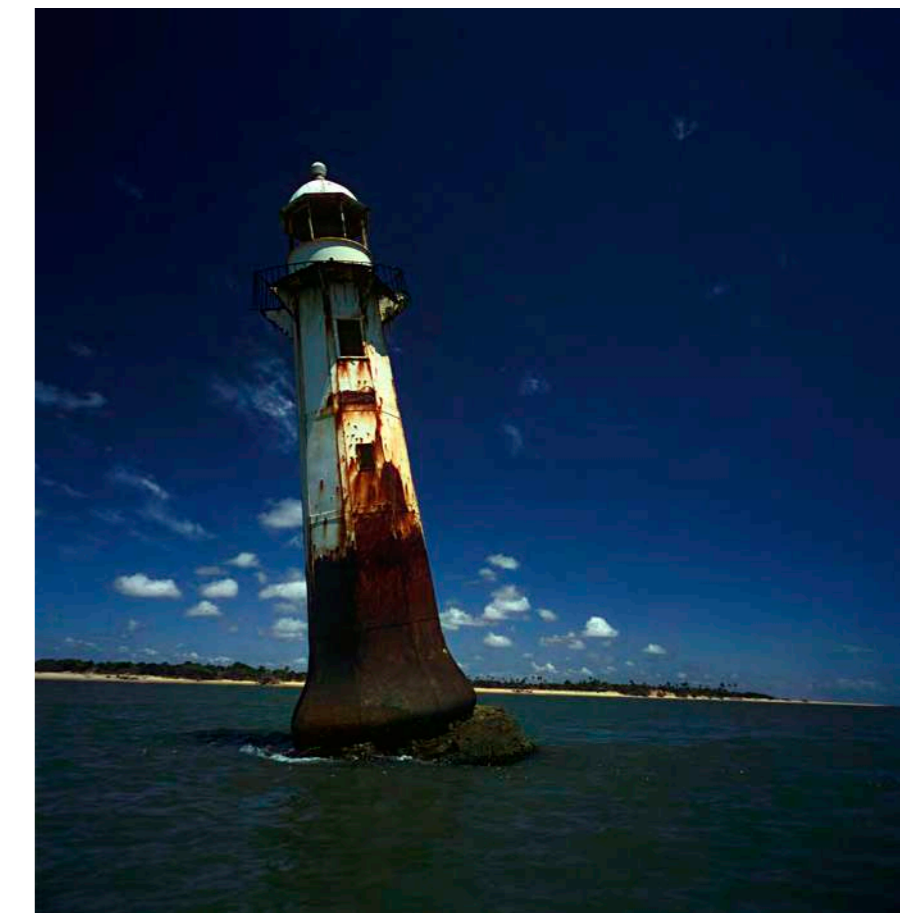


Fig. 07. Foz do Rio São Francisco. Foto: José Caldas



Fig. 08. Represa de Três Marias, MG. Foto: João Zinclar

“É o maior rio do mundo. Não se sabe onde começa, nem onde acaba, mas, na opinião dos entendidos, tem umas cem léguas de comprimento”

Graciliano Ramos



Fig. 09. Paulo Afonso, Bahia. Foto: João Zinclar



Fig. 10. Foto: João Zinclar, CBHSF



Fig. 11. Caatinga. Foto: João Zinclar, CBHSF



Fig. 12. Foto: João Zinclar, CBHSF



Fig. 13. Foto: José Israel

O Baixo São Francisco

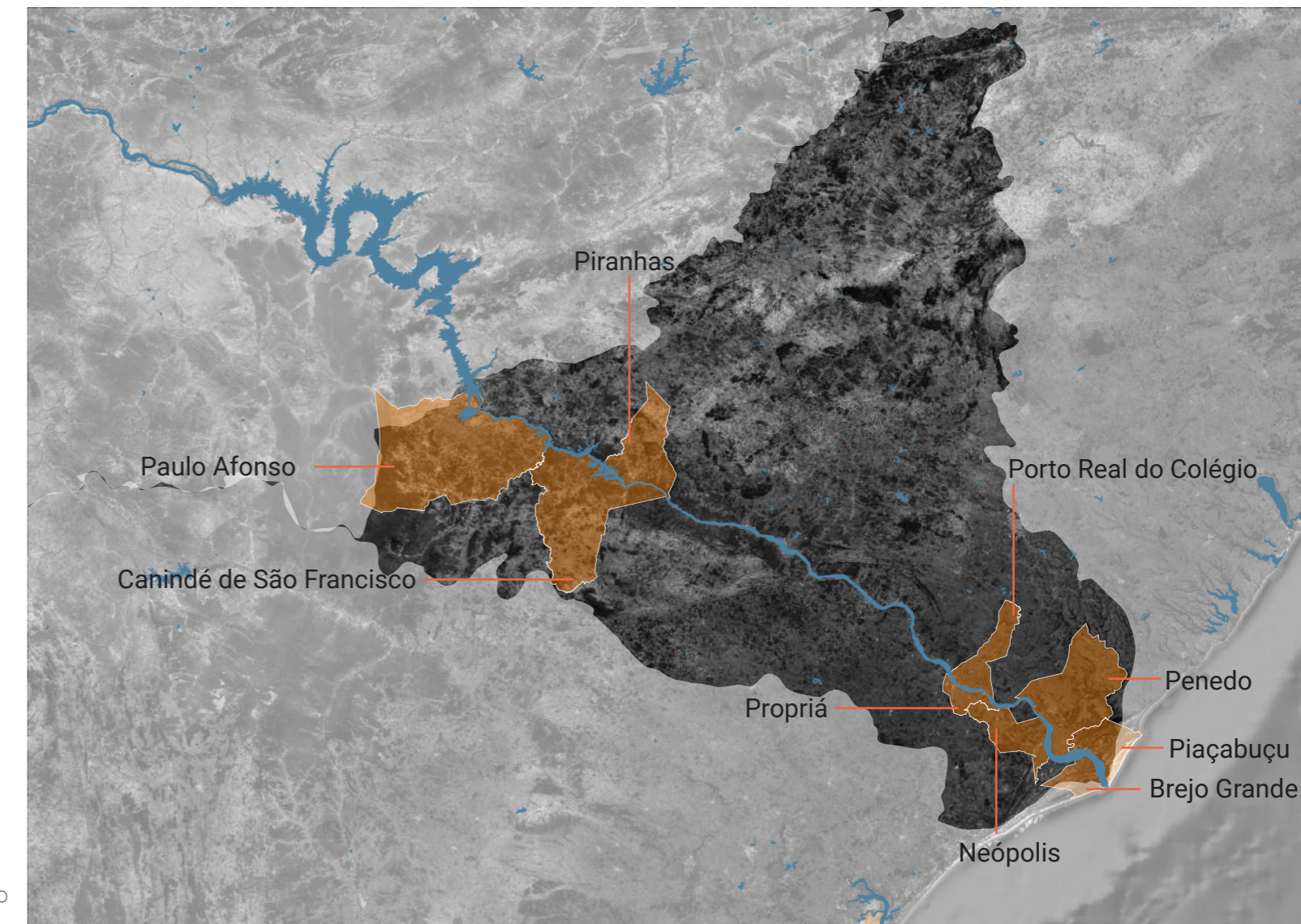
A região do Baixo São Francisco começa em Paulo Afonso, na Bahia, e percorre 274 Km, passando por Alagoas e Sergipe, até encontrar o Oceano Atlântico, entre as cidades de Brejo Grande, do lado sergipano, e Piaçabuçu, no alagoano. Durante o percurso, grandes cidades são banhadas pelo rio, como Penedo, Neópolis, Porto Real do Colégio, Piranhas e Propriá.

Esse trecho da bacia é um dos que têm maior ligação com o rio. Por estar em um trecho navegável, muitas são as embarcações vistas, de diversos tamanhos e finalidades. Embora em declínio, a pesca ditou a economia regional por muitos anos. Além disso, a agricultura e pecuária das cidades nas bordas do rio dependem de suas águas para manutenção.

Desde o início da colonização, a agricultura e a pecuária foram massivamente praticadas. A primeira, nas áreas alagáveis do rio, tirando proveito do regime de suas águas. Com a mudança do regime, processos de irrigação foram criados, levando braços do rio para

dentro das terras. A segunda, em grandes pastos e também aproveitando a água disponível do rio.

Mesmo com avanços, mudanças de técnicas e de plantios, ainda hoje é possível observar grandes áreas voltadas ao cultivo de arroz e à pecuária. Somam-se a elas as lagoas artificiais voltadas à aquicultura, com grandes produções de pescados e moluscos voltadas ao mercado.



Mapa 03. Principais cidade do Baixo São Francisco



As hidrelétricas

Pouco antes do fim do Estado Novo (1945), Vargas abre caminho, através de decretos-lei, para a criação de normas para o desenvolvimento regional no Brasil. Neste caminho, é criada, ainda em 1945, a Companhia Hidrelétrica do Rio São Francisco (CHESF), primeira empresa pública de eletricidade do Brasil, constituída com a ideia de se levar energia para a região Nordeste, aproveitando o potencial da cachoeira de Paulo Afonso.

Embora essa seja a primeira investida pública na área da eletricidade no rio São Francisco, seu potencial já havia sido explorado em 1913, quando Delmiro Gouveia, um industrial cearense, instalou uma usina na cidade de Pedra (atualmente Delmiro Gouveia), para gerar energia para sua fábrica têxtil. Essa pequena hidrelétrica ficou conhecida como Angiquinho e ficou marcada não só como a primeira da cachoeira de Paulo Afonso mas do Velho Chico como um todo.

Os projetos e pesquisas foram se aprofundando e, em 1949, foram iniciadas as obras das Usinas de Paulo Afonso. A primeira foi inaugurada em 1955 e logo em seguida vieram as outras (Paulo Afonso II, III e IV). Somam-se a elas ainda as usinas Apolônio Sales, Luiz Gonzaga (Itaparica), Xingó, Três Marias e Sobradinho, todas presentes no rio São Francisco.

Atualmente, o Governo Federal busca acelerar um projeto que parecia distante de ser realizado: a construção da Usina Hidrelétrica de Formoso, no município mineiro de Pirapora. A vazão do rio, que já é controlada pelas barragens e usinas, passará, com a construção de mais uma no curso do rio, a depender muito mais do setor energético do que do próprio regime natural do São Francisco.

A construção das barragens alterou drasticamente o regime do Rio São Francisco e de seus afluentes, tanto paisagística quanto biologicamente, tendo impacto direto na fauna e na flora no percurso do rio.

Áreas foram inundadas, trechos foram retificados e o regime natural de cheias e secas foi substituído por um regime controlado de acordo com a vazão que cada barragem libera.

Casa Nova. Pilão Arcado. Sento Sé. Remanso. Rodelas. Barra do Tarrachil. Glória. Itacuruba. Itaparica. Todas cidades nordestinas. Todas cidades sanfranciscanas. Todas cidades inundadas para darem lugar às Usinas Hidrelétricas de Sobradinho e Luiz Gonzaga. A primeira, com um dos maiores lagos artificiais do mundo com 4.214 Km² e a segunda com 150 Km². O que resta hoje são apenas as lembranças e algumas ruínas de trechos que, volta e meia, aparecem para lembrar o passado (não tão distante).

produtivas e seu acesso à água abundante, foram trocados por terras secas e acesso quase nenhum à água.

“Em 1986 ocorreu o primeiro ato de agressão com nosso povo que foi dividido. Em 1988, fomos deslocados para a nova cidade deixando a parte do nosso território fértil onde tudo o que se plantava, se colhia. Era a garantia da autonomia do povo Tuxá, grande produtor de cebola, arroz e mandioca. Até hoje, 32 anos passados, não recebemos terras para plantio e o que fica é o sentimento de revolta, injustiça e impunidade” ⁴

⁴. TUXÁ, Manoel Uilton dos Santos. Cidades submersas pelo São Francisco guardam saudades e tristezas. Entrevista concedida a CBHSF. Brasil. 1 mar. 2021.

As famílias que moravam nesses locais foram transferidas, povos foram divididos e muitas vezes, essa realocação era feita para áreas afastadas do Velho Chico. Suas terras, anteriormente muito





Fig. 14. Construção Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso I. Foto: Memorial da eletricidade



Fig. 15. Construção Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso I. Foto: Memorial da eletricidade



Fig. 16. Construção Usina Hidrlétrica de Paulo Afonso I. Foto: Memorial da eletricidade

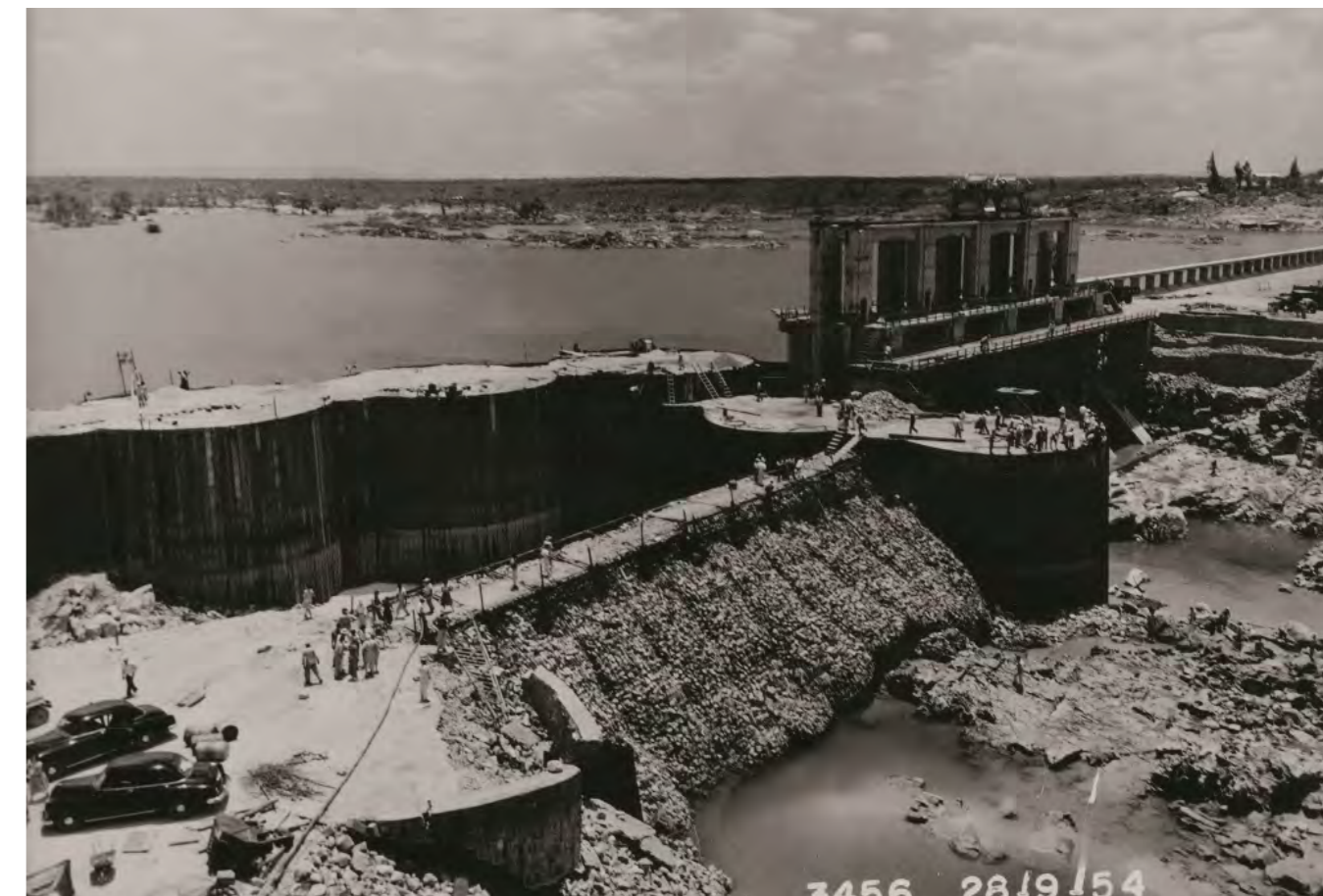


Fig. 17. Construção Usina Hidrlétrica de Paulo Afonso I. Foto: Memorial da eletricidade

Sobradinho

O homem chega e já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco, lá pra cima da Bahia
Diz que dia, menos dia, vai subir bem devagar
E passo a passo, vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar

O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão

Adeus Remanso, Casa Nova, Sento Sé
Adeus Pilão Arcado, vem o rio te engolir
Debaixo d'água, lá se vai a vida inteira
Por cima da cachoeira, o Gaiola vai sumir
Vai ter barragem no salto do Sobradinho
E o povo vai se embora com medo de se afogar

O sertão vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão
Vai virar mar, dá no coração
O medo que algum dia o mar também vire sertão.
Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado
Sobradinho, adeus, adeus, adeus.

Sá e Guarabyra



Fig. 18. Usina Hidrelétrica de Sobradinho. Foto: Memorial da eletricidade

2

Franciscas, franciscos e outros personagens

O Sanfranciscano

Para um rio tão extenso, plural, complexo, dinâmico e cheio de vida, um povo à sua altura. Os sanfranciscanos, ora chamados também de barranqueiros, ou simplesmente ribeirinhos, são todos aqueles que vivem à beira do São Francisco e de seus afluentes e que usufruem do rio e o tem em seu cotidiano, seja para navegar, pescar, lavar, nadar ou se sustentar.

Diferentes a cada paisagem que o rio corta, a cada modo de subsistência, a cada bagagem criada, o povo sanfranciscano teve de se adaptar às inúmeras alterações que o rio passou nos últimos anos, conforme já descrito. Ora farto de peixe, com cheias periódicas e profundidade adequada para navegabilidade, hoje o cenário do rio (ou de alguns trechos dele) é diferente e o sanfranciscano bem sabe disso, pois teve de mudar seu modo de viver com ele.

"Por suas culturas e geograficidade singular, o rio São

*Francisco tornou-se um lugar de lugares diversos, um mundo de significados, um espaço vivido."*⁵

As relações de convivialidade caracterizam, pois, modos de vida próprios, formas de uso do rio, das águas e das terras onde as referências materiais, simbólicas e míticas (lendas, contos, os seres que habitam as águas e as terras à beira rio) se confundem com a vida dos sujeitos e fazem parte de sua historicidade.

*"Entre terras e águas, as gentes sanfranciscanas desenvolvem suas vidas, talhadas em um ambiente físico, como também moldado por culturas e relações de pertencimento afetivas e identitárias. Enquanto território, o rio é espaço de disputas, conflitos, poder e, ainda, de identidade. É um ambiente estratégico de nuances diversas. Como lugar, o rio é base existencial, é suporte da vida e do sentido de ser-no-mundo. É o espaço onde as necessidades básicas são satisfeitas."*⁶

5. SILVA, Cícero Bezerra da; VARGAS, Maria Augusta Mundim. Viver entre margens: sentidos de ser ribeirinho sertanejo no baixo São Francisco. Geosaberes, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 177 - 188, set. 2019.

6. Ibidem.



Fig. 19. Foto: Euvaldo Macedo Filho

Gostaria de ser um crocodilo vivendo no Rio São Francisco

Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios.

pois são profundos como a alma do homem.

Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas

são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens

Grande sertão Veredas, Guimarães Rosa

Francisco, Francisco

O menino velho Chico viagens
Mergulham em meus olhos
Barrancos, carrancas, paisagens
Francisco, Francisco
Tantas águas corridas
Lágrimas escorridas, despedidas, saudades
Francisco meu santo, a velha canoa
Gaiolas são pássaros
Flutuantes imagens deságuam os instantes
O vento e a vela, me levam distante
Adeus velho Chico
Diz o povo nas margens
...

Maria Bethânia



Fig. 20. Foto: Euvaldo Macedo Filho



Fig. 21. Foto: Leo Drummond/Agência Nitro



Fig. 22. Foto: Alain Dhomé



Fig. 23. Foto: Biel Fagundes



Fig. 24. Foto: Biel Fagundes



Fig. 25. Foto: João Zinclar



Fig. 26. Foto: Alain Dhomé



Fig. 27,28, 29 e 30. Rio São Francisco entre 1997 e 1998. Fotos: Acervo Canoa de Tolda



Fig. 31, 32, 33 e 34. Rio São Francisco entre 1997 e 1998. Fotos: Acervo Canoa de Tolda



Fig. 35. Foto: José Israel

“Neste particular, é o vale do São Francisco, um vasto cadinho em que todas as raças representadas na América se fundem ou se amalgamam.”

Teodoro Sampaio

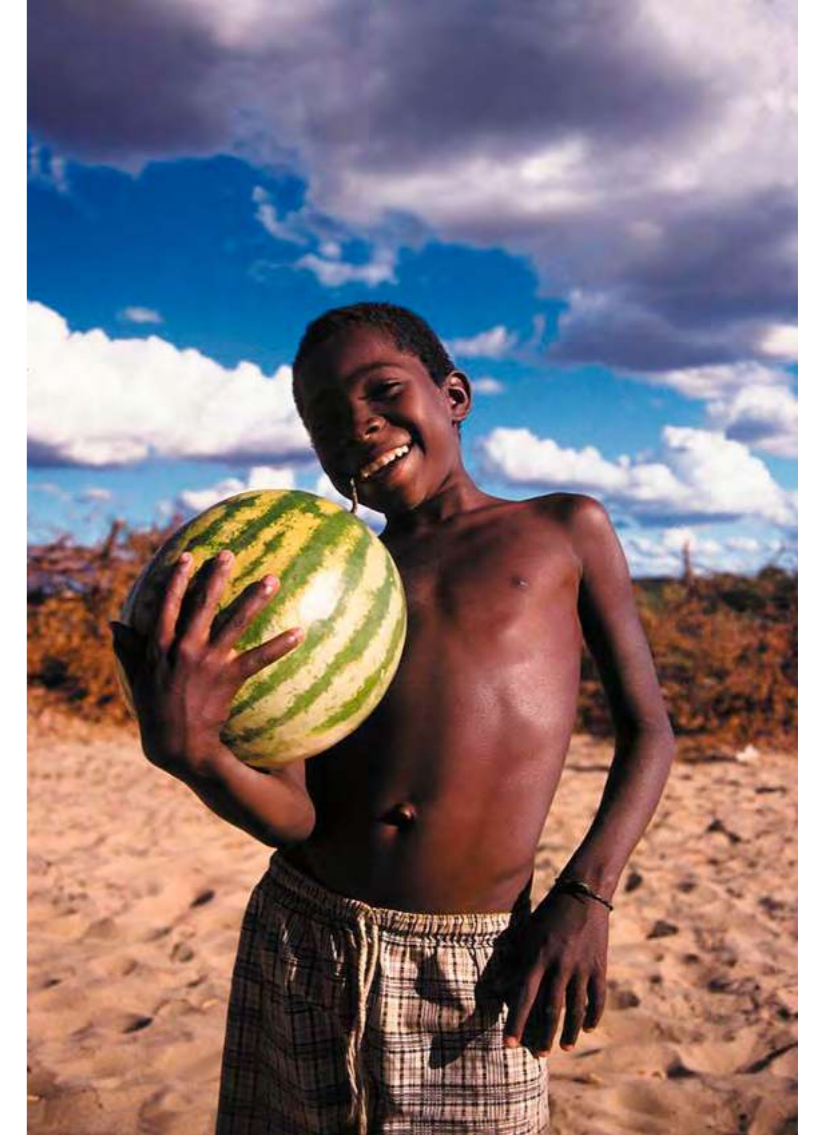


Fig. 36. Foto: José Israel



Fig. 37. Foto: José Caldas



Fig. 38. Foto: Euvaldo Macedo Filho

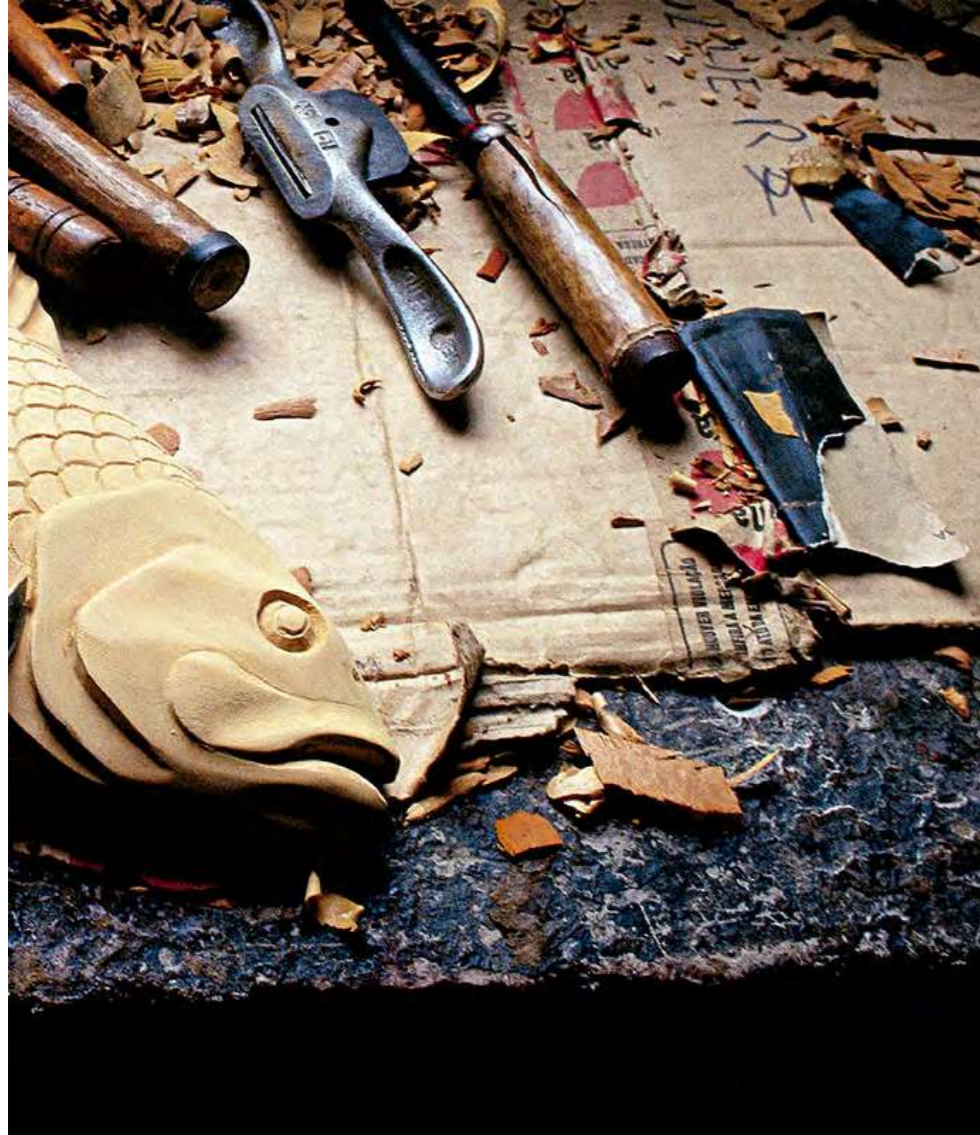


Fig. 39. Foto: José Israel

“Esse povo sofredor não conhece Wagner, nem Ulisses, nem Divina Comédia. E dessa margem de privação, em condições tão adversas, busca ainda a comunicação através de uma vontade de beleza, organiza parâmetros estéticos próprios, e nos revela formas como um barro do Jequitinhonha, um ex-voto, uma carranca de proa.”

Burle Marx



Fig. 40. Foto: José Israel

As lavadeiras do Velho Chico

Antes mesmo do nascer do sol, lá iam elas para a beira do Velho Chico. Muitas vezes com o filho mais novo no colo, equilibravam a trouxa de roupas na cabeça e buscavam uma boa pedra para iniciarem o trabalho. A reza antes de iniciarem fazia parte da rotina, que seguia com cantorias e o início do trabalho braçal, com o esfregar das roupas e o som delas batendo contra as pedras, para retirar o excesso de sabão. Foi assim que muitas mulheres sustentaram suas famílias e puderam criar seus filhos nas cidades ribeirinhas do São Francisco.

“O rio é o lugar da vida, mas também dos encontros, da amizade e da cantoria. Para tornar mais leve o trabalho, as lavadeiras cantam versos de sua própria criação, os quais, em sua simplicidade, ganham vida nas vozes tranquilas que ligam cada palavra por meio de uma musicalidade que lembra o canto da libertação. Juntas, elas formam um grande coral que se faz ouvir lá na beira do rio e que, misturado ao som das corredeiras, se

torna uma melodia que varia entre a nostalgia das rimas e o retrato bucólico das praias e da vida que se leva. O espírito pe de fraternidade, sem disputa pela melhor pedra”⁷

Longe do teor romântico e do colorido das roupas estendidas à beira do rio, essa é a realidade ainda de algumas mulheres sanfranciscanas. A cantoria tradicional foi substituída pelos sucessos de rádios FM. O esfregar nas pedras, ainda muito comum, recebe o auxílio por vezes de cadeiras de plástico. A trouxa de roupas empilhada nas cabeças recebe o apoio de carrinhos de feira, que amenizam o esforço. Contudo, o trabalho árduo e a necessidade de sustentar a família seguem os mesmos, independente da época, da cidade ou da idade da sanfranciscana.

⁷.PACINI, Patrícia. Opará: cantos, contos e encantos do Rio São Francisco. Brasil, Matrix, 2015.



Fig. 41. Foto: Euvaldo Macedo Filho

O lamento da lavedeira

Trabalho, um tantão assim
Cansaço, é bastante sim
A roupa, um montão assim
Dinheiro, um tiquinho assim
Para lavar a roupa da minha sinhá
Para lavar a roupa da minha sinhá

Elza Soares

“A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoia uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outra vez, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.”

As lavadeiras de Mossoró – Carlos Drummond de Andrade



Fig. 42. Foto: Gilmar Cruz

Águas que contam

Junto à história tão viva e contada dos povos sanfranciscanos, correm as estórias. Caboclo d'Água, Mãe d'Água e Minhocão são apenas alguns dos seres criados e contados de geração em geração. Para além de mitológicos, são seres que viraram parte da cultura e da vida do povo ribeirinho. Por vezes, fazem histórias e estórias se confundirem e se misturarem.

*"A cultura popular e o folclore, de uma maneira geral, representam aspectos culturais próprios da região na qual são construídos e difundidos, ou seja, eles têm vida própria"*⁸

Ao parar para conversar com um pescador do rio São Francisco, certamente este dirá a respeito do Caboclo d'água, criatura que abriga uma gruta de ouro nas profundezas do rio e é conhecido por virar pequenas embarcações e espantar os peixes. A tática para agradá-lo e deixar a pesca em paz está em dar fumo e cachaça ao ser das profundezas.

Já a Mãe d'água tem sua lenda parecida com a da lara: Ao cair da noite, ela busca algum canoeiro desprevenido e desavisado para atraí-lo e sentar em seu barco e pentear seus longos cabelos. Por último, o minhocão é um ser que abriga o rio e o solo, devastando cidades e casas com seu enorme corpo e causando desníveis no solo.

⁸. CASCUDO, Luis da Câmara: Literatura Oral no Brasil. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984

Palco de festas

Local de atividades econômicas, navegações e histórias, o Rio São Francisco também serve como palco para festividades, nas quais além de pano de fundo para as celebrações, participa como grande personagem. Anualmente, celebrações a Iemanjá, São João e São Francisco ocorrem ao longo das cidades ribeirinhas e do curso do rio.

A principal festa e talvez mais marcante é a do Bom Jesus dos Navegantes, que reúne anualmente milhares de fiéis e turistas do Brasil inteiro, que partem das ruas de Penedo em direção ao Velho Chico, no qual seguem de barco uma procissão rio abaixo. Devido às alterações nas vazões do rio, há sempre uma preocupação se a procissão irá ou não ocorrer. Contudo, nos últimos anos foi possível que ela ocorresse devido ao aumento pontual da vazão do rio, controlado pela CHESF, exclusivamente para a festa, onde foi possível chegar até a margem sergipana.

As carrancas sanfranciscanas

Muito além de peças de adorno, como podem ser conhecidas atualmente, as carrancas também têm sua história entremeada no povo barranqueiro do São Francisco. Sua origem, ainda que incerta, foi tão bem estudada e descrita por Paulo Pardal em “Carrancas do São Francisco”:

“Concluimos, pois, que, nos tempos modernos, as únicas embarcações populares de povos ocidentais que apresentaram, de forma generalizada, figuras de proa, foram os barcos do rio São Francisco. A origem das carrancas do São Francisco deve ter sido a imitação da decoração de navios de alto-mar, vistos nas capitais da Província da Bahia e do País pelos pequenos nobres e fazendeiros do São Francisco em suas viagens à civilização.”⁹

Com um aspecto original e diferente das demais carrancas vistas até então no mundo, as sanfranciscanas possuem aspecto misto de homem

e animal e, segundo a história, também serviam para atrair a atenção e a curiosidade dos fazendeiros para as embarcações, aumentando as possibilidades de negócios.

Além das interpretações ditas, há também as contadas e, por vezes, cantadas pelo povo barranqueiro. As carrancas, com sua feição assustadora, também serviam como forma de proteger a embarcação dos seres que assombravam o rio e a pesca. Ainda hoje é possível ver embarcações com as carrancas em sua proa mas, de forma massiva, estão presentes como peças de decoração e de museus, tendo nomes conhecidos e populares como Ana das Carrancas, Mestre Afrânio e Francisco Guarany.

⁹. PARDAL, Paulo. Carrancas do São Francisco. Brasil, Martins Fontes, 2006.



Fig. 43. Foto: José Israel



Fig. 44. Foto: Instituto Moreira Salles



Fig. 45. Foto: Instituto Moreira Salles

As carrancas do rio São Francisco largaram suas proas e vieram para um banco da rua do Ouvidor. O leão, o cavalo, o bicho estranho deixam-se contemplar no rio seco, entre cheques, recibos, duplicatas. Já não defendem do caboclo-d'água o barqueiro e seu barco. Porventura vem proteger-nos de perigos outros



Fig. 46. Foto: Instituto Moreira Salles



Fig. 47. Foto: Instituto Moreira Salles

que não sabemos, ou contra assaltos
desfecham seus poderes ancestrais
o leão, o cavalo, o bicho estranho
postados no salão, longe das águas?
Interrogo, prescruto, sem resposta,
as rudes caras, os lenhados lenhos
que tanta coisa viram, navegando
no leito cor de barro. O velho Chico
fartou-se deles, já não crê nos mitos



Fig. 48. Foto: Instituto Moreira Salles



Fig. 49. Foto: Instituto Moreira Salles

que a figura de proa conjurava,
ou contra os mitos já não há defesa
nos mascarões zoomórficos enormes?
Quisera ouvi-los, muito contariam
de peixes e de homens, na difícil
Aventura da vida de remeiros.
O rio, esse caminho de canções,
de esperança, de trocas, de naufrágios,
deixou nas carrancudas cataduras



Fig. 50. Foto: Instituto Moreira Salles



Fig. 51. Foto: Instituto Moreira Salles

um traço fluvial de nostalgia,
e vejo, pela rua do Ouvidor
singrando o asfalto, graves, silenciosos,
o leão, o cavalo, o bicho estranho...

Carrancas do São Francisco, Carlos Drummond de Andrade

Águas para navegar

Carranca que chora

Carranca que chora
Velho rio que mora no meu coração
Navega gaiola
Vai presa na vela, a minha paixão
Uma canoa vai
Velho rio se esvai
Sem água, sem vela
Navega a minha solidão
O batuque das águas, ai, ai
É o batuque das mágoas, num leito vazio
Batuque das almas nas noites de frio
E o batuque deságua no meu coração
Vem lua cheia
Rasgando na noite de verão
A saudade do Velho Chico
No seu leito vazio
Deita a minha solidão

Geraldo Azevedo e Matia Bethânia



Fig. 52. Foto: Eivaldo Macedo Filho



Fig. 53. Foto: Leo Drummond/Agência Nitro



Fig. 54. Foto: João Zinclar



Fig. 55. Foto:



Fig. 56. Foto: José Israel



Fig. 57. Foto: José Israel



Fig. 58. Foto: José Israel



Fig. 59. Foto: José Caldas



Fig. 60. Foto: José Caldas



Fig. 61. Foto: Euvaldo Macedo Filho



Fig. 62. Foto: Euvaldo Macedo Filho

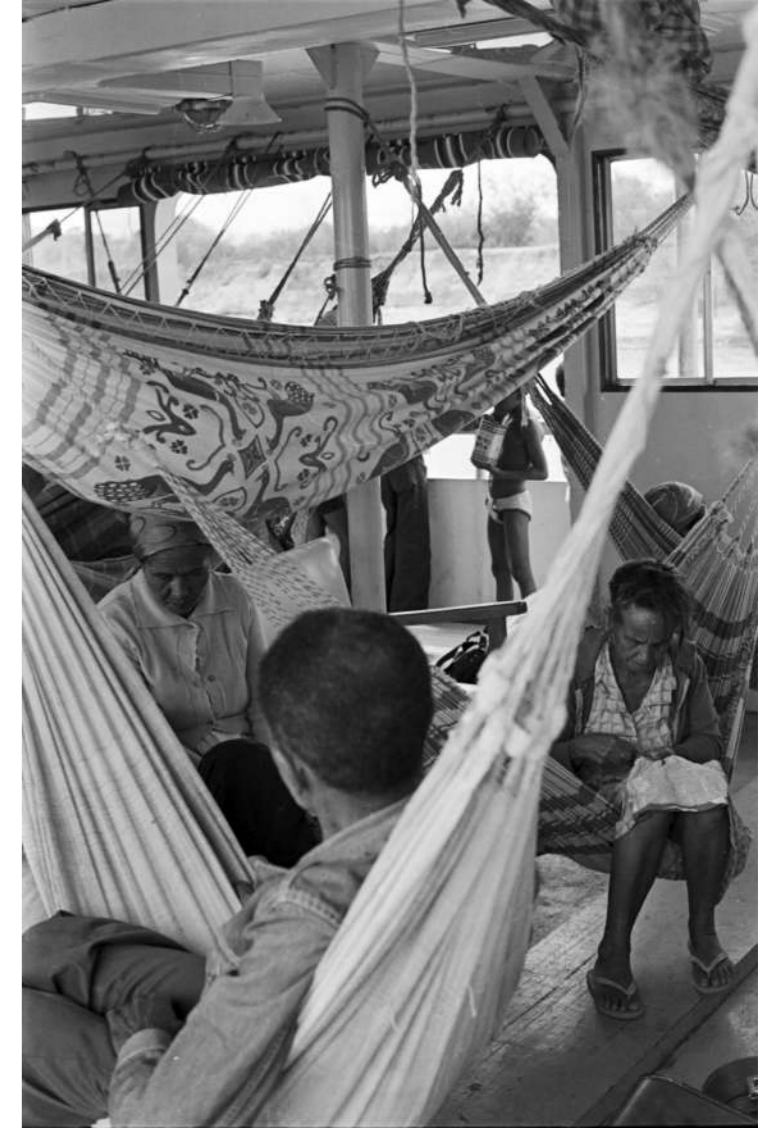


Fig. 63. Foto: Euvaldo Macedo Filho

Fig. 64. Foto: João Zinclar





Fig. 65. Foto: José Israel



Fig. 66. Foto: João Zinclar

A pesca e o pescador

A pesca surgiu como fonte de sustento para os sanfranciscanos ao longo do tempo e das margens do rio. A abundância de água e de peixes dava a sensação de que nunca faltariam ao povo ribeirinho, o que fez com que a atividade se tornasse, junto à agricultura e à pecuária, uma das principais fontes econômicas e de subsistência praticadas na Bacia, com produção voltada também à venda para outros locais do nordeste e sudeste brasileiro.

Contudo, a falta de saneamento básico e descarte de esgoto no rio, a construção das hidrelétricas, a retirada desenfreada de peixes do rio se somaram ao descuido governamental em não realizar pesquisas e levantamentos quantitativos e qualitativos a respeito da população de peixes no rio.

Como consequência disso, a imagem da pesca artesanal com o pescador, sua tarrafa e sua pequena embarcação atracando na margem após um longo e abundante dia de pesca, foi sendo cada vez mais

apagado. Hoje em dia, menos embarcações são vistas e a profissão, outrora amplamente praticada ao longo do rio, vai sendo escanteada e substituída pela aquicultura em cativeiro, praticada em grandes propriedades que já serviram para agricultura e pecuária no passado das cidades sanfranciscanas.

Atualmente, os poucos pescadores artesanais que restam ao longo da Bacia totalizam cerca de 19.000 profissionais¹⁰, que se organizam em colônias e tentam, juntos, driblar os períodos de seca, a escassez de peixes, a concorrência do mercado atacadista aquicultor, a pesca ilegal e a falta de estrutura adequada nos mercados de peixe.

10. Dados presentes em "Descrição socioeconômica dos pescadores no Baixo São Francisco, Nordeste-Brasil"



Fig. 67. Foto: Leo Drummond/Agência Nitro



Fig. 68. Foto: José Israel



Fig. 69. Foto: Leo Drumond/Agência Nitro

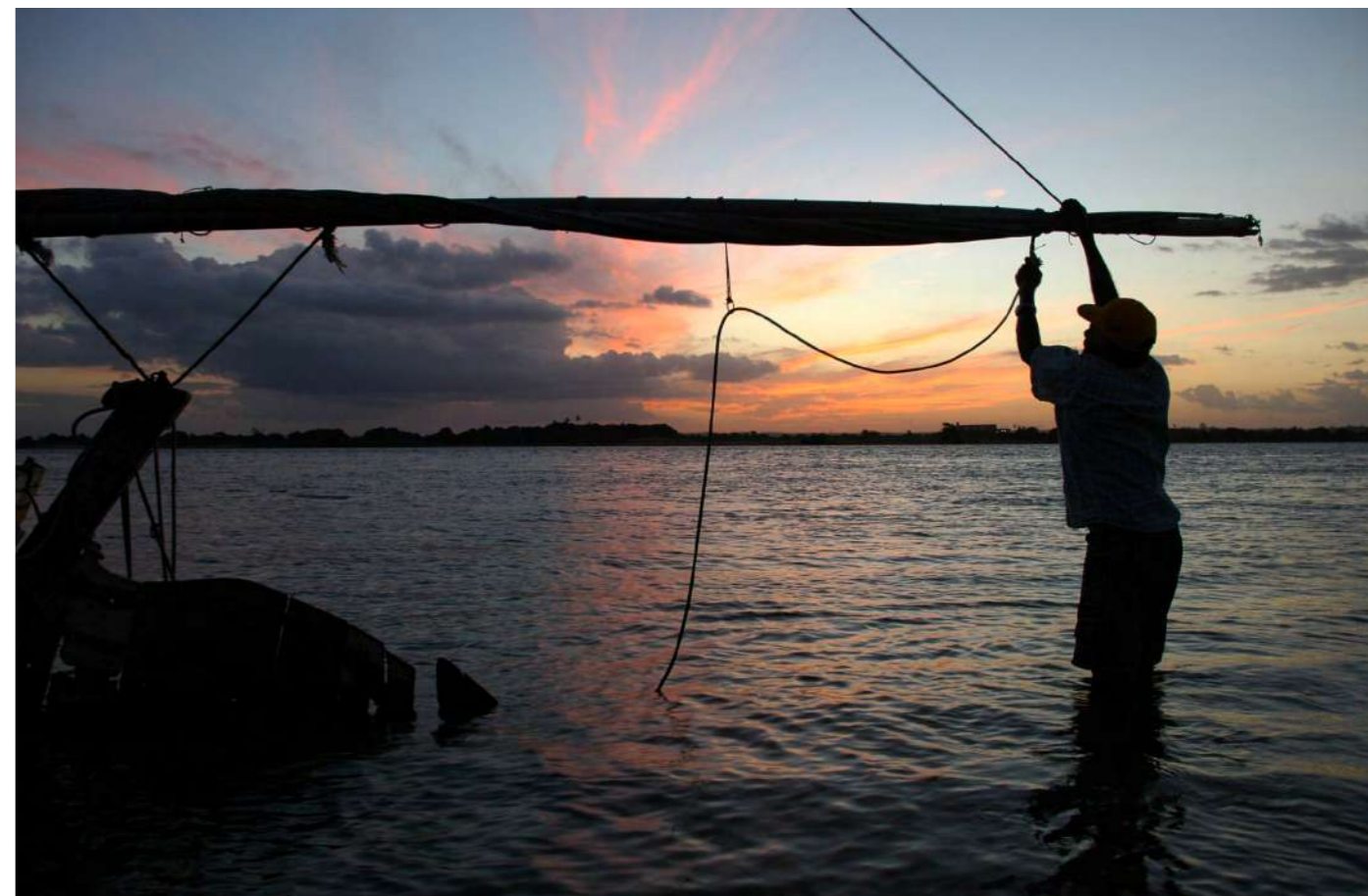


Fig. 70. Foto: João Zinclar



Fig. 71. Foto: Biel Fagundes



Fig. 72. Foto: João Zinclar



Fig. 73. Foto: Leo Drumond/Agência Nitro



Fig. 74. Foto: Leo Drumond/Agência Nitro



Fig. 75. Foto: Leo Drumond/Agência Nitro



Fig. 76. Foto: Leo Drumond/Agência Nitro



Fig. 77. Foto: Leo Drumond/Agência Nitro



Fig. 78. Foto: Caio Alves



Fig. 79. Foto: Caio Alves

Está secando o velho Chico.
Está mirrando, está morrendo.
Já não quer saber de lanchas-ônibus
nem de chatas e seus empurradores.
Cansou-se de gaiolas e literatura encomiástica e
mostra o leito pobre,
as pedras, as areias desoladas
onde nenhum minhocão
ou cachorrinha-d'água,
cativados a nacos de fumo forte,
restam para semente
de contos fabulosos e assustados.
Ei, velho Chico, deixas teus barqueiros
e barranqueiros na pior?
Recusas frete em Pirapora
e ir levando pro Norte as alegrias?
Negas teus surubins,
teus mitos e dourados,
teus postais alucinantes de crepúsculo
à gula dos turistas?
Ou é apenas seca de junho-julho
para descanso
e volta mais barrenta na explosão
da chuva gorda?

Já te estranham, meu Chico. Desta vez,
encolheste demais. O cemitério
de barcos encalhados se desdobra
na lama que deixaste. O fio d'água
(ou lágrimas?) escorre
entre carcaças novas: é brinquedo
de curumins, os únicos navios
que aceitas transportar com desenfado.
Mulheres quebram pedra
no pátio ressequido
que foi teu leito e esboça teu fantasma.
Não escutas, ó Chico, as rezas músicas
dos fiéis que em procissão
imploram chuva?
São amigos que te querem,
companheiros que carecem
de teu deslizar sem pressa
(tão suave que corrias, embora tão artioso
que muitas vezes tiravas
a terra de um lado e a punhas
mais adiante, de moleque).
É gente que vai murchando
em frente à lavoura morta
e ao esqueleto do gado,

por entre portos de lenha
e comercinhos decrepitos;
a dura gente sofrida
que carregas (carregavas)
no teu lombo de água turva
mas afinal água santa,
meu rio, amigo roteiro
de Pirapora a Juazeiro.
Responde, Chico, responde!
Não vem resposta de Chico,
e vai sumindo seu rastro
como rastro da viola
se esgarça no vão do vento.
E na secura da terra
e no barro que ele deixa
onde Martius viu seu reino,
na carranca dos remeiros
(memória de outras carrancas,
há muito peças de living),
nas tortas margens que o homem
não soube retificar
(não soube ou não quis? paciência),
de pontes sobre o vazio,
na negra ausência de verde,

no sacrifício das árvores
cortadas, carbonizadas,
no azul, que virou fumaça,
nas araras capturadas
que não mandam mais seus guinchos
à paisagem de seca
(onde o tapete de finas gramíneas,
dos viajantes antigos?),
no chão deserto, na fome
dos subnutridos nus,
não colho qualquer resposta,
nada fala, nada conta
das tristuras e renúncias,
dos desencantos, dos males,
das ofensas, das rapinas
que no giro de três séculos
fazem secar e morrer
a flor de água de um rio.

Águas e mágoas do Rio São Francisco, Carlos
Drummond de Andrade

3 Em foco: Propriá

A formação da cidade

Devido a sua localização privilegiada, às margens do rio São Francisco, o território hoje conhecido como Propriá e suas proximidades foi visado e ocupado logo cedo na história brasileira. À época, o território era conhecido como “Urubu”, que fazia parte da sesmaria doada por Cristóvam de Barros, conquistador de Sergipe, a seu filho Antônio Cardoso de Barros, ainda no século XVI. Posteriormente essas terras foram doadas para Pedro Abreu de Lima, genro de D. Guiomar de Melo, viúva de Antônio Cardoso.

Pedro Abreu, por sua vez, cede terras aos carmelitas, jesuítas e aos seus filhos, sendo Pedro Gomes de Abreu o mais velho deles. Este vai para uma região mais baixa das terras e transforma-a em uma Povoado, que ficou conhecida como Urubu do Baixo. A localização do povoado, à beira do rio São Francisco e próximo à Vila de São Francisco (hoje conhecida como Penedo), somado à fertilidade das terras, resultado das cheias do rio, faz o povoado prosperar rapidamente.

Tal prosperidade faz com que Urubu do Baixo desmembre-se de Vila Nova do São Francisco (hoje Neópolis), e torne-se, no ano de 1718, Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo. À época, com aproximadamente “4000 almas e 875 fogos (edificações)”¹¹, a freguesia continuava a prosperar rapidamente. Por estar localizada em um trecho navegável do rio São Francisco e próxima a sua foz, a freguesia era um importante polo de transporte.

Tão assustador e repentino era o crescimento da Freguesia de Santo Antônio do Urubu Baixo que, já em 1800, iniciam-se pedidos para elevação da Freguesia em Vila. Em 7 de fevereiro de 1802 o pedido é acatado e sob uma festa no local é fundada a Vila de Propriá. Sem exatidão e consenso a respeito do surgimento do nome e como uma boa região sanfranciscana, é contado que “Propriá surgiu de uma pesca de Piau na lagoa de João Baía. Era tanto peixe que se pescava usando pau. Criou-se então a expressão ‘pesca do paupiau’. Outros dizem que o nome vem também

¹¹. BRITTO, João Fernandes de. Propriá nos seus Albores in Álbum Fotográfico e Comercial de Propriá. Propriá, Editora Guarani, 1952

da lagoa, mas a expressão seria 'puropiau'. Depois Propriá. O que deve ter reforçado a mudança é que o nome Urubu não combinava com o progresso da 'Meca' do Norte." (IBGE).

No ano de 1828, a Vila perde mais da metade de seu território com a emancipação de Porto da Folha. Mesmo com essa perda territorial e de habitantes, a prosperidade e crescimento seguem. O sucesso da Vila de Propriá é tamanho que, em 1859, o imperador Dom Pedro II e a imperatriz Tereza Cristina vão à Vila, chegando nela através do Rio São Francisco. Em 21 de fevereiro de 1866, enfim a Vila é elevada à categoria de cidade.

"Propriá é uma vila de 3.000 habitantes com algumas casas boas e de sobrado, e uma fábrica dos herdeiros de Ezequiel Henriques, de descascar arroz, com máquina de vapor [...]" ¹²

12. Dom Pedro II em seu "Diário de viagem ao Rio de São Francisco" de 1859.



Fig. 80. Propriá em 1888: Adolpho Lindemann



Fig. 81. Propriá em 1888: Adolpho Lindemann



Fig. 82. Propriá em 1888: Adolpho Lindemann



Fig. 83. Propriá em 1888: Adolpho Lindemann



Mapa 08. Propriá de cima

250 500m



Mapa 09. Proximidades do Mercado do Peixe (em destaque)



50 100m

Da prosperidade à queda

Ainda no século XIX, novas perdas territoriais atingiram Propriá, mas sua importância regional e econômica ainda assim não foram abaladas. Em 1894 chega a Propriá o telégrafo, que permitiu que notícias fossem enviadas com maior rapidez, sendo um marco do avanço tecnológico na cidade sergipana. Tal avanço é confirmado quando, a partir de 1914, chegam à cidade indústrias de beneficiamento de arroz, tornando a cidade a maior produtora de arroz do Estado de Sergipe.

A empresa de Fiação e Tecelagem Propriá também é inaugurada no mesmo ano, mostrando que a cidade era, para a região, um grande polo, pois também passa a atender municípios vizinhos que produziam algodão. Somam-se a elas indústrias de calçados feitos a partir da pele animal e fábricas de caroço e óleo de algodão, ambas aproveitando insumos produzidos na região.

1920 é marcado e tem uma importância no que

tange à evolução de Propriá. Chega à cidade a energia elétrica e é inaugurado o último trecho da ferrovia que ligava a cidade sergipana às capitais Aracaju e Salvador. Chegava-se, então, ao ápice desenvolvimentista do município, que passara a ter uma importância ainda maior no transporte de cargas e passageiros, no comércio regional e na industrialização, fato confirmado pela inauguração, em 1931, da rodovia que ligava Propriá a Aracaju.

Com o sucesso e ascensão da cidade, novas perdas territoriais se sucederam. Contudo, continuavam não atrapalhando o seu crescimento. No 150º aniversário de formação da Vila, em 1952, Propriá gozava de uma economia muito desenvolvida e com belas projeções de crescimento. À época, habitavam no município 13.000 propriaenses.

"Pioneira do progresso das terras de Sergipe na faixa sanfranciscana, é justo o regosijo do seu povo, na comemoração desta data [150º

aniversário da cidade]. Sua gente ordeira, trabalhadora, honesta e progressista, ergueu a antiga freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo a um invejável nível de prosperidade" ¹³

No ano de 1970, inicia-se a construção de uma ponte rodoferroviária que ligaria Sergipe a Alagoas, passando sobre o Rio São Francisco. Dois anos mais tarde foi inaugurada e ficou conhecida como BR-101. Inúmeros projetos desenvolvimentistas visaram a região da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco e culminaram, por exemplo, na construção de inúmeros Distritos Industriais nas cidades que o compõem, e uma delas foi Propriá. A esse investimento, somou-se o investimento no campo do turismo, tentando atrair turistas

Em paralelo, podemos observar, a partir da década de 60, uma melhoria da malha viária estadual, surgimento de novos centros regionais e queda da produção agrícola, fatos que desencadearam no fechamento das indústrias do município e diminuição da importância de Propriá enquanto meio de interligação regional. Soma-se a esses fatos a

¹³. A cidade sergipana de Propriá. A Defesa, Propriá, 6 de março de 1952.

intervenção governamental, através da CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, que modificou a estrutura fundiária regional e, conseqüentemente, afetou o cultivo de arroz nas várzeas propriaenses.

Atualmente com uma população de 28.451 propriaenses, segundo o Censo de 2010, e estimativa de 29.756 habitantes de acordo com o IBGE, Propriá já foi a segunda maior economia do estado de Sergipe em seu auge econômico, mas hoje ocupa a 12ª posição, dentre todos os 75 municípios, com relação ao PIB per capita. A cidade é vizinha, especialmente, dos municípios de Telha, Cedro de São João, São Francisco, Japoatã e Neópolis, todas cidades sergipanas. À nordeste, é banhada pelo rio São Francisco, o qual a separa do estado de Alagoas.

Sua resultante territorial, após as sucessivas perdas, conforme mencionado, resultaram em um território de 92,5 Km², com a economia atualmente voltada ao comércio, gado leiteiro e de corte, pesca no rio São Francisco e produção aquícola em cativeiro, além do turismo.

Os alagamentos

Quando ainda o rio São Francisco era ditado somente pelas forças da natureza, as cheias e as secas eram a característica mais marcante, conforme já mencionado. No período de cheia, as águas inundavam toda a orla de Propriá, a qual se preparava para o fato. As feiras eram mudadas de lugar, as casas e comércios ribeirinhos eram esvaziados e migravam para áreas elevadas e a Princesinha do Velho Chico, como era conhecida a cidade, assistia aquele cenário, que era tido como um grande evento para a época.

“Rádio e depois televisão informavam para todo o estado de Sergipe o ritmo da elevação do nível das águas e a visita à Propriá inundada tornava-se programa de final de semana. Automóveis, carros-de-praça, ônibus, trem, excursões seguiam para ver o rio cheio, para fotografias e passeios venezianos pelas ruas da cidade. A água cobria a balaustra da Rua da Frente, garotos usavam o teto d’O Mangaba como trampolim, as águas

ameaçavam cobrir o relógio. Propriá era uma festa!”¹⁴

¹⁴. ARAGÃO, Carlos Roberto Britto; PRATA, Washington Luiz. Propriá 200 anos, notas e fotos do bicentenário. Brasil, Sociedade Semear, 2002.



Fig. 84. Enchentes em Propriá, em 1960. Foto: Casa do Velho Chico



Fig. 85. Enchentes em Propriá, em 1960. Foto: Casa do Velho Chico



Fig. 86. Enchentes em Propriá, em 1960. Foto: Casa do Velho Chico



Fig. 87. Enchentes em Propriá, em 1960. Foto: Casa do Velho Chico

As feiras e o comércio propriaense

Impossível falarmos de Propriá e seu apogeu sem mencionarmos a importância das feiras para a região. Característica marcante em diversas cidades do interior nordestino, a feira periódica teve início ainda na então Freguesia de Santo Antônio de Urubu Baixo, sendo responsável por abastecer os outros povoados sergipanos e alagoanos. Nos dias de funcionamento, era possível observar uma grande multidão chegando à cidade, resultando em um grande movimento no comércio local.

Pescados, produtos agrícolas e animais vivos somavam-se a peças artesanais, produtos medicinais e artistas populares produzindo suas próprias artes in loco. Com o passar dos anos, apenas os produtos comercializados e o local da feira (muitas vezes por conta das enchentes na cidade) foram sendo alterados, mas a tradição perdura até hoje.

No centro da cidade, duas enormes linhas de coberturas fixas se cruzam perpendicularmente,

em meio às duas faixas de importantes avenidas no centro da cidade, desenhando um comércio local a ser desbravado por quem busca iguarias regionais, produtos industrializados, roupas, brinquedos ou até mesmo comidas para serem consumidas ali.

As grandes coberturas, por vezes aumentadas com o auxílio de lonas e alguns tirantes, somam-se às aberturas feitas nelas, que facilitam não só o bloqueio do sol como também a troca de ar. Em um ambiente tão árido e com a radiação tão intensa, a aparência rudimentar e fechada da cobertura surge como uma solução de abrigo para o propriaense conseguir realizar ali seu comércio.



Fig. 88. Feira em Propriá,
Foto: Camille

Propriá e o Rio São Francisco

Um dos pilares dos tempos áureos de Propriá é, sem sombra de dúvidas, o fato de esta ser banhada pelo rio São Francisco. Quase todas as atividades dos sanfranciscanos e, em especial, dos propriaenses, estavam ligadas ao rio: a navegação, a pesca, a lavagem de roupas, o banhar, a irrigação, dentre outros inúmeros pontos. Contudo, com o passar do tempo e dos acontecimentos, o que se pode notar atualmente é uma cidade que, assim como grande parte das cidades ribeirinhas brasileiras, volta suas costas para o rio.

Resultado das inúmeras enchentes pelas quais a cidade passou, somado ao “elevado processo de degradação ambiental e paisagística, com precária rede de infraestrutura”¹⁵, ao longo de toda a orla é possível observar um forte erguido como forma de barrar as águas, mas que também passou a barrar a população de se comunicar com ela, física e visualmente.

Sem controle e sem políticas públicas eficientes, a área de várzea foi sendo estrangulada e maciços de concreto foram sendo construídos, aumentando ainda mais o paredão que se tornou a orla da cidade. Bancos voltados de costas para o rio e poucas áreas sombreadas somam-se a pequenas áreas de lazer criadas com pouca riqueza urbanística e com pouca, ou nenhuma, intenção de reconectar Propriá com a sua maior riqueza natural: o Rio São Francisco.

A esses maciços de concreto, sobrepostos décadas após décadas, tratarei de chamá-los de **Cicatrizes do Velho Chico**, sobre as quais, a seguir neste caderno, virei a propor algumas intervenções e redesenhos.

15. MELLO, Sandra Soares de. *Na beira do rio tem uma cidade : urbanidade e valorização dos corpos d'água.* 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.



Fig. 89. Feira em Propriá, Foto: Camille



Fig. 90. Propriá em 1998. Foto: Acervo Canoa e Tolda



Fig. 91. Propriá em 1998. Foto: Acervo Canoa e Tolda

4 O Projeto: Redesenho do Mercado do Peixe

Leitura Urbana da cidade de Propriá: Apontamento das cicatrizes

Com construções viradas de costas para o rio, a orla propriense por vezes se confunde com outra avenida qualquer da cidade. Nas pequenas brechas que temos, um grande muro branco (Figuras 94 e 95) bloqueia tanto o acesso quanto a visualização do rio São Francisco. Quando não há uma restrição visual e física entre cidade e rio, a falta de equipamentos públicos e/ou de usos e infraestrutura para os locais acabam freando e minimizando sua utilização.

Nesta tomada, bancos também foram construídos junto aos tais muros brancos, de costas para o rio e sem proteção contra o sol. Os pedestres e as pequenas bancas de comércio formadas buscam as poucas áreas sombreadas da orla, sejam elas provenientes das poucas árvores locadas no meio da via ou das estruturas de concreto dos pontos de ônibus. (Figuras 96, 97 e 98)

Ao nos aproximarmos do fim da orla, é possível observarmos uma grande edificação formada à beira do rio: se trata do Mercado de Peixes Pedro Lessa (Figuras 101 e 102), também conhecido como Banca do Peixe. Com aproximadamente 5m de altura e a 1,5m acima do nível da rua, a estrutura do Mercado de peixes, ironicamente, se afasta das águas do rio e se fecha dentro de si mesmo.

No ano de 2009, o Mercado foi reinaugurado após passar por grandes reformas em sua estrutura. Era praticamente uma estrutura abandonada desde 1986. A falta de infraestrutura se somava à decadência da pesca artesanal e da aquicultura em pequenas propriedades. Mesmo com a reforma realizada, a estrutura do Mercado não atende às necessidades da região e ainda assim era possível observar o comércio de peixes sendo realizado em pequenas bancas ao longo da orla, contrariando

qualquer medida sanitária.

Nas proximidades do mercado, os dois pontões (Figuras 100 e 103) de acesso ao rio são, feitos de concreto, marcam o terreno e a pouca vegetação que ainda resta. Essas duas estruturas, quando somadas ao aterro realizado sobre a margem do rio para execução do Mercado e ao extenso muro de contenção das águas, geram as nomeadas **Cicatrices do Velho Chico**.

Sobre essas cicatrizes e sob os preceitos de organizar a ocupação da orla propiaense para que esta não seja tomada de forma irregular, proponho a seguir o redesenho do Mercado do Peixe, tornando-o um pequeno Terminal de Pesca. Através dessa proposta, acredito que “O uso sustentável desses espaços [beiras de corpos d’água] viabiliza o “sentimento de pertença” por parte da coletividade, que passa a ser sua principal guardiã”.¹⁶

16. MELLO, Sandra Soares de. Na beira do rio tem uma cidade : urbanidade e valorização dos corpos d’água. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.



Fig. 92. Charrete parada em frente ao rio, Foto: Camille



Fig. 93. Margem do rio, Foto: Camille

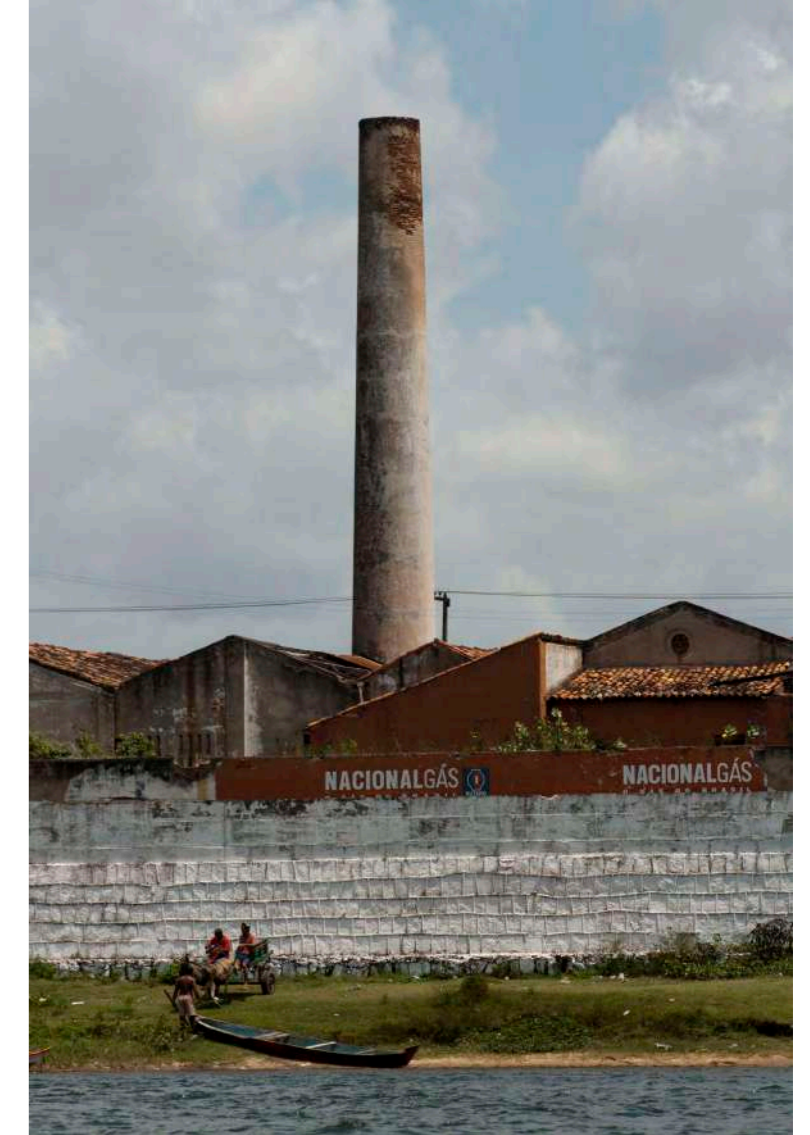


Fig. 94. Muro às margens do rio, Foto: Camille



Fig. 95. Propriá vista do rio, Foto: Justo Ruiz



Fig. 96. Propriaenses buscando sombra na orla, Foto: Google Maps



Fig. 97. Propriaenses buscando sombra na orla, Foto: Google Maps



Fig. 98. O desenrolar da cidade ocorre todo de costas para o rio, Foto: Google Maps



Fig. 99. O desenrolar da cidade ocorre todo de costas para o rio, Foto: Google Maps



Fig. 100. Entrada do pontão existente junto ao muro branco, Foto: Google Maps



Fig. 101. Entrada do Mercado de Peixe Pedro Lessa, Foto: Google Maps



Fig. 102. Mercado de Peixe Pedro Lessa, Foto: Google Maps



Fig. 103. Pontão ao lado do Mercado de Peixe, Foto: Google Maps



Fig. 104. Interior do Mercado de Peixes Pedro Lessa, Propriá. Foto: Colônia de pescadores Z8



Fig. 105. Interior do Mercado de Peixes Pedro Lessa, Propriá. Foto: Colônia de pescadores Z8



Fig. 106. Interior do Mercado de Peixes Pedro Lessa, Propriá. Foto: Colônia de pescadores Z8



Fig. 107. Interior do Mercado de Peixes Pedro Lessa, Propriá. Foto: Colônia de pescadores Z8



Fig. 108. Interior do Mercado de Peixes Pedro Lessa, Propriá. Foto: Colônia de pescadores Z8



Fig. 109. Interior do Mercado de Peixes Pedro Lessa, Propriá. Foto: Colônia de pescadores Z8

Partido de projeto

Tomando como base os estudos e análises feitas até então, me aproprio de algumas das cicatrizes já feitas pelo homem na orla e Propriá e busco devolver à população um trecho do seu maior bem natural: O rio São Francisco. O principal ponto para estruturar essa ideia é a **retirada da estrutura existente do Mercado**, que separa física e visualmente a cidade do rio. O mercado existente, que se consolida como uma grande caixa de alvenaria, não possui comunicação com o externo, a não ser através da grande porta metálica de sua entrada e seus discretos blocos vazados, que dificultam a visualização do rio, a circulação de ar e a entrada de luz natural.

O resultado é uma grande **cicatriz** em forma de laje, a qual busco redesenhar e torná-la uma grande praça aberta à calçada. Esse local, arejado e sombreado, pode servir como **refúgio** para os proprienses que buscam uma sombra em meio ao sol escaldante, seja para prostrar-se, sentar na **arquibancada** e admirar a paisagem que se abre ou para realizar o tão comum

comércio em pequenas bancas.

Na extremidade da praça vemos o **pontão maior**, cicatriz existente e muito útil na atualidade, a qual opto por mantê-la, sendo um local onde os pescadores chegam tanto com seus barcos como com seu pescado, subindo a grande rampa até a rua. Neste nível (6,0m), considerado um nível em que a água já não chega mais em uma possível cheia controlada (5,85m), proponho a criação de uma **passarela metálica** paralela à calçada, uma vez que essa já é estrangulada demais para servir ao pedestre.

Nessa passarela, o pescador chega com seu pescado e adentra a área de **Limpeza do Pescado**, presente já dentro da grande cobertura da Praça. Ali, realiza a limpeza inicial do pescado assim como sua troca para recipientes padronizados e limpos. Além disso, ali já é possível obter o gelo necessário para manutenção do peixe fresco e posterior encaminhamento ao Mercado. Os restos dessa limpeza inicial do pescado

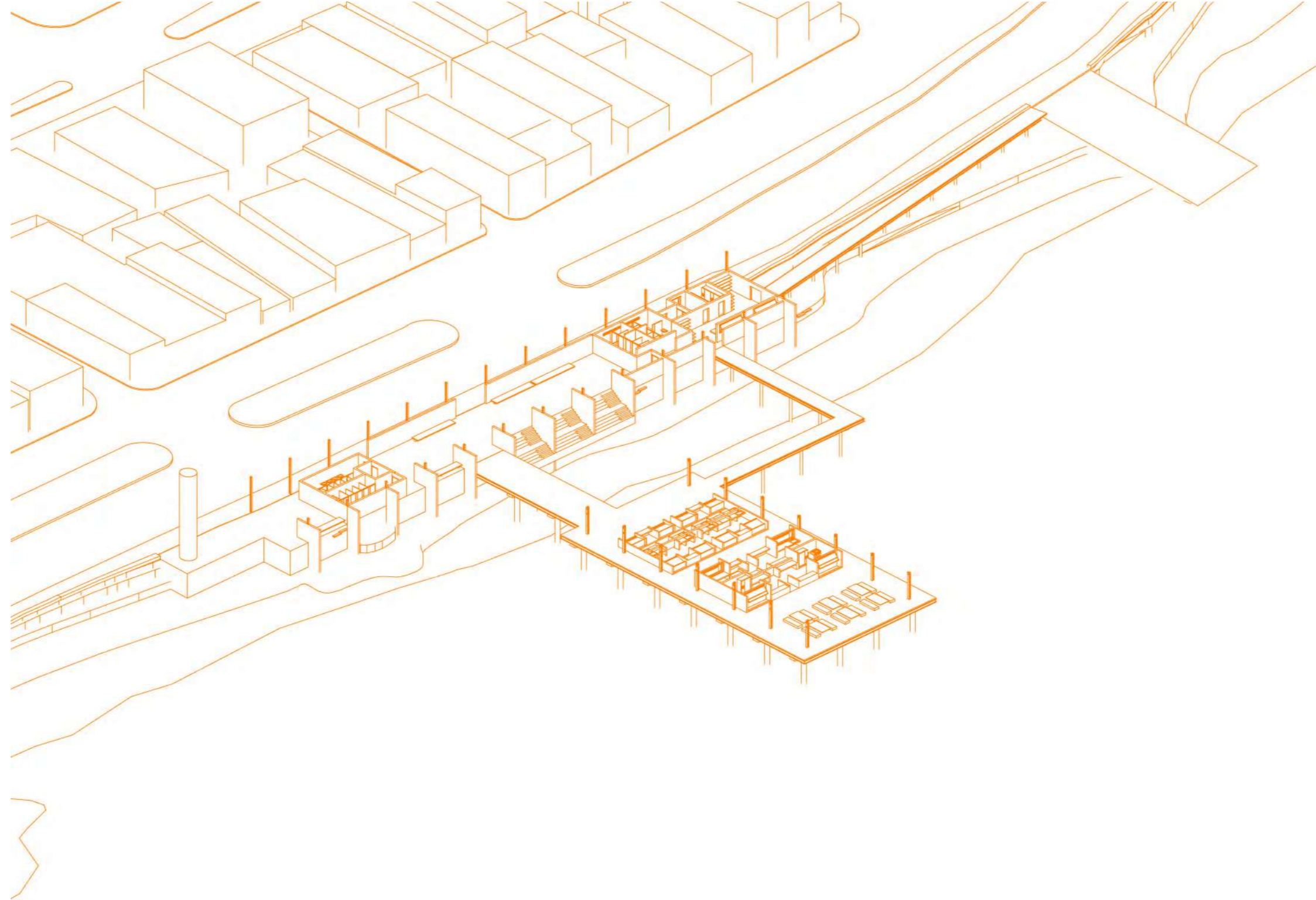
são separados e organizados, com posterior destinação à área externa do mercado, onde os caminhões de lixo podem ter acesso. Ainda nessa área, há banheiro e chuveiro para que os funcionários consigam higienizar-se antes de ir embora.

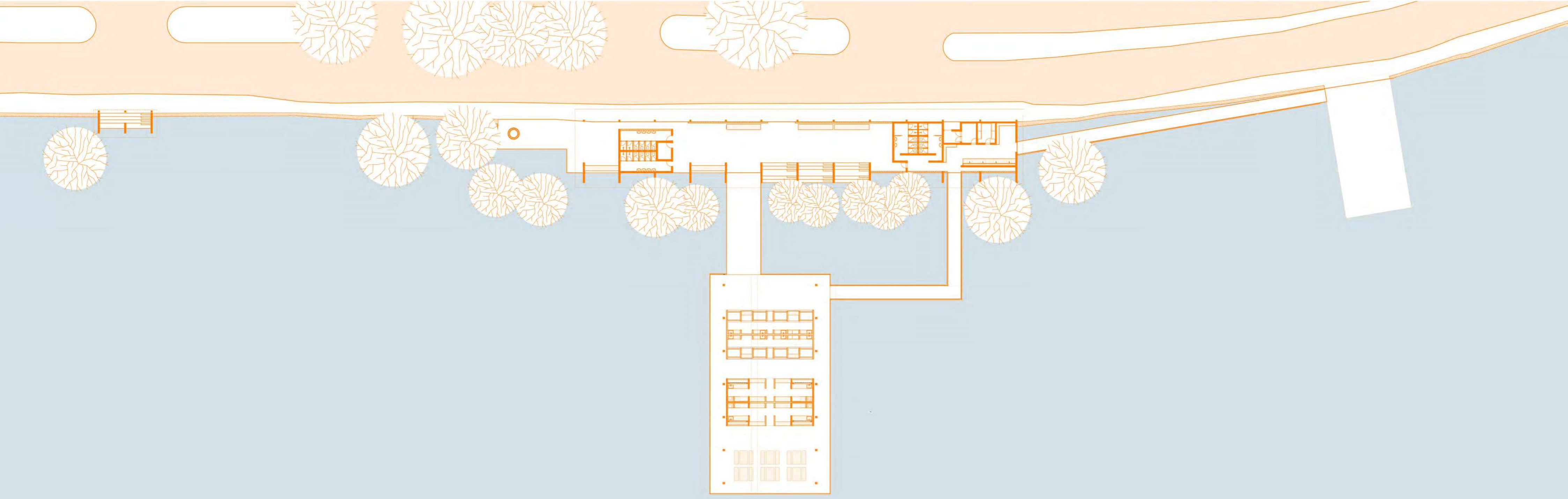
O pescado limpo e conservado em gelo é direcionado, através de uma segunda passarela metálica, ao **Mercado do Peixe**, uma estrutura em palafitas. Ali, são expostos e vendidos frescos (inteiros, em postas ou filetados), com auxílio de gelo, em bancas revestidas com azulejo e com rejunte em epóxi. As 8 bancas são dotadas de água corrente e circulação de ar intensa, favorecida e estimulada pela altura que as divisórias das bancas possuem. Em todo o perímetro são colocados ralos para facilitar a limpeza e escoamento da água usada.

Dentro ainda desta grande cobertura da palafita, feita em estrutura metálica branca e com telhas isotérmicas, há o segundo bloco de bancas, o de **Beneficiamento do Pescado**, este sendo responsável pela execução e venda do peixe já preparado em seu estado final (ensopado, empanado, etc). Junto

a ele, mesas são colocadas, criando uma **Praça de alimentação** sobre o Velho Chico. De volta à praça, há ainda a concepção de **banheiros públicos** para uso da população e dos utilizadores do mercado e de uma grande **caixa d'água**.

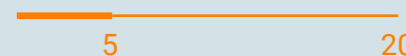
Por fim, o redesenho e a reorganização do Mercado do Peixe em um Terminal de Pesca associado a uma grande praça busca a reapropriação do rio São Francisco para o povo propriense, a partir da organização da ocupação de sua borda. A praça busca ser um espaço de lembrança, memórias, encontros e exaltação ao Velho Chico e ao povo sanfranciscano e sua cultura. O Terminal busca também valorizar e resgatar os pescadores artesanais e pequenos produtores, que outrora comandaram a economia propriense, adaptando a profissão ao cenário atual e adicionando todas as etapas da cadeia em um único centro, desde a pesca até a venda do pescado já preparado, na esperança e desejo de que um dia o São Francisco volte a ser farto e valorizado como já foi um dia.

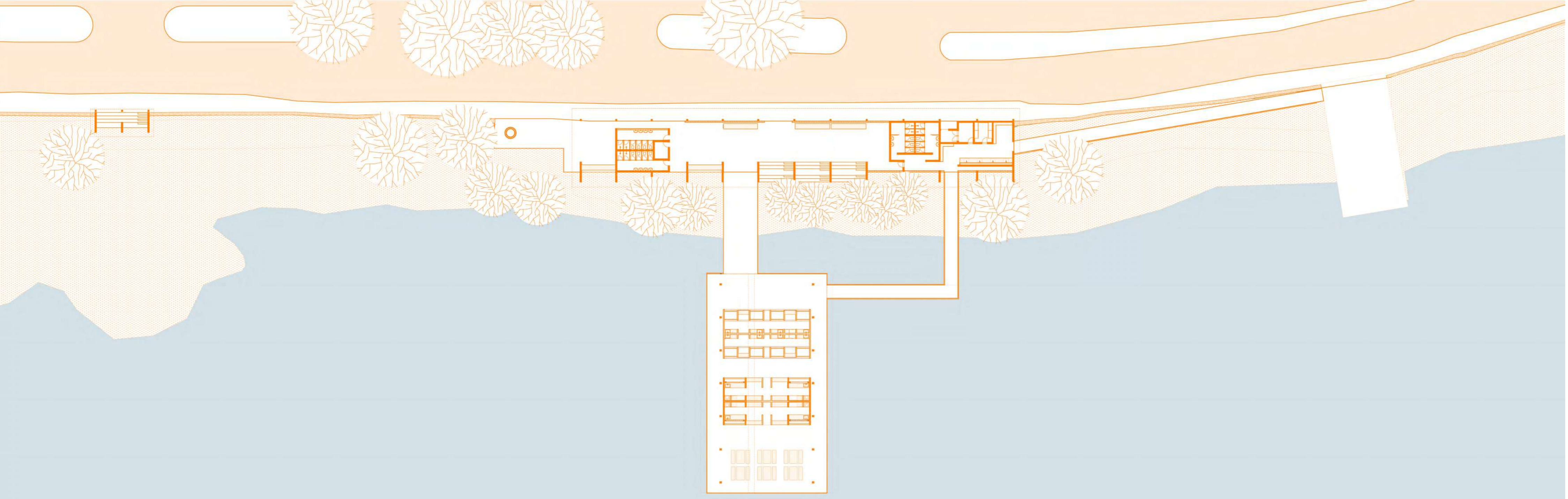




PL 01. Implantação na cheia

N.A 5,85m Vazão 8.000 m³/s

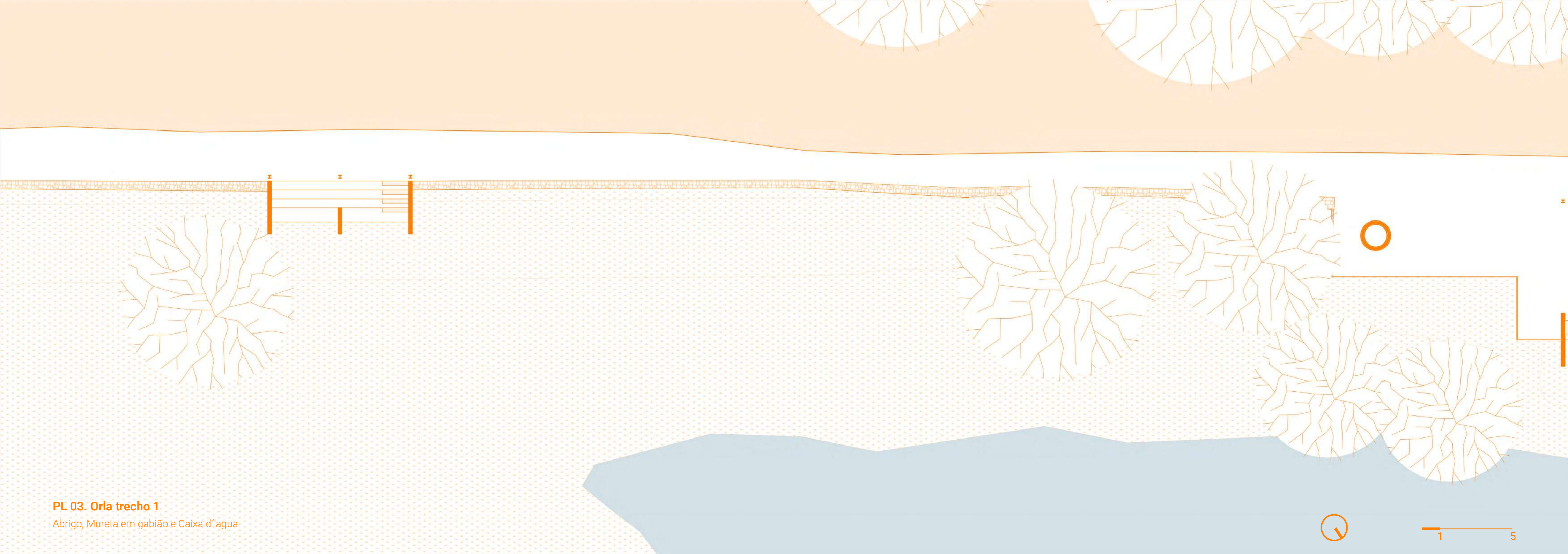




PL 02. Implantação na seca

N.A 2,0m Vazão 2.137 m³/s



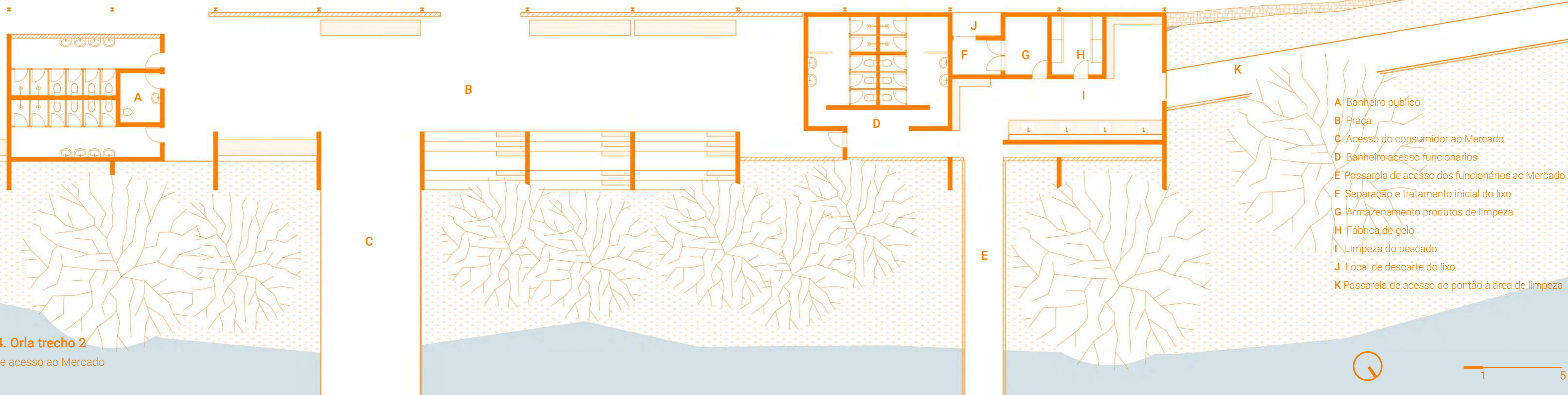


PL 03. Orla trecho 1

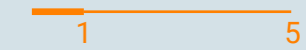
Abrigo, Mureta em gabião e Caixa d'água

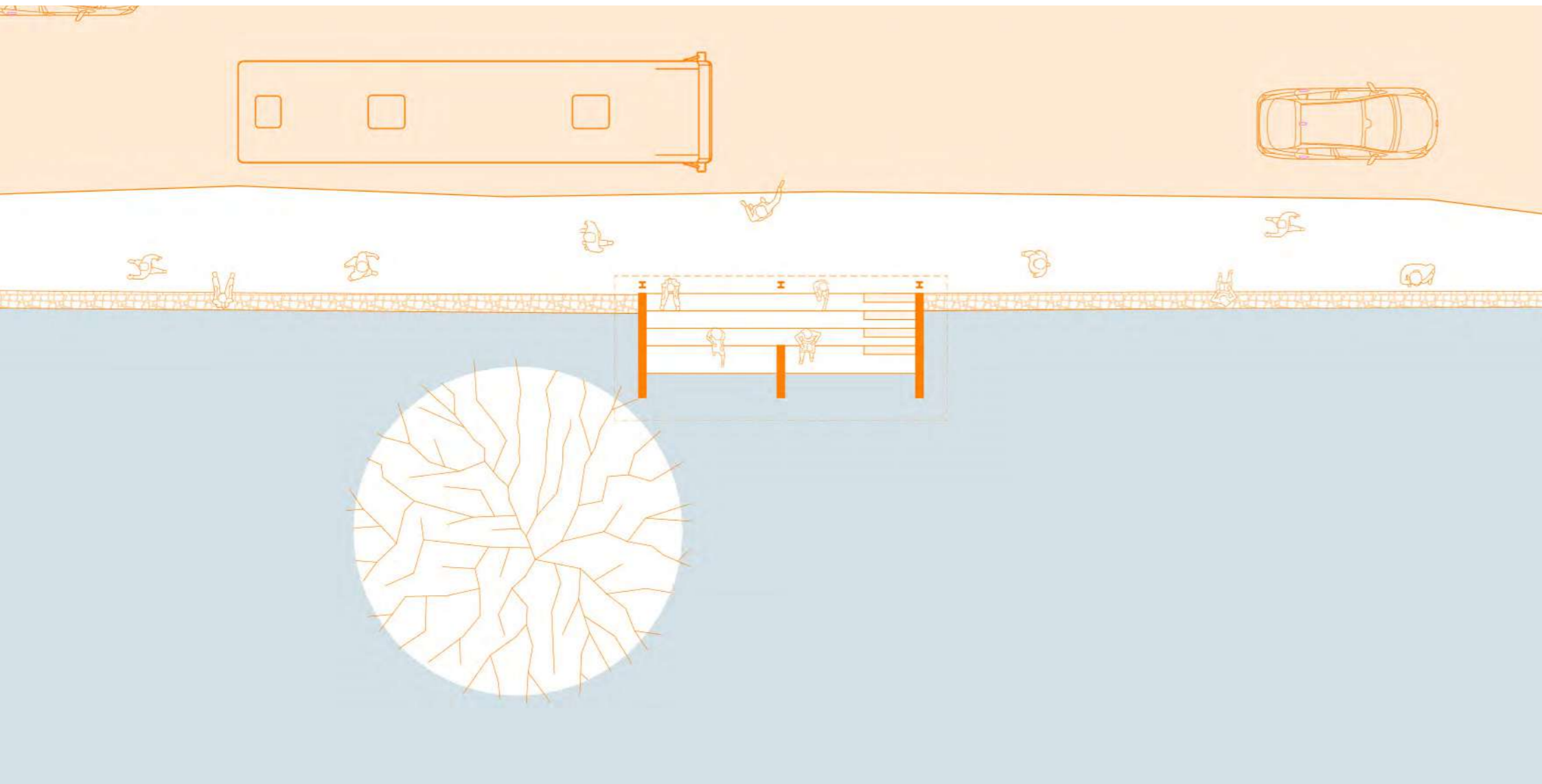


PL 04. Orla trecho 2
Praça e acesso ao Mercado



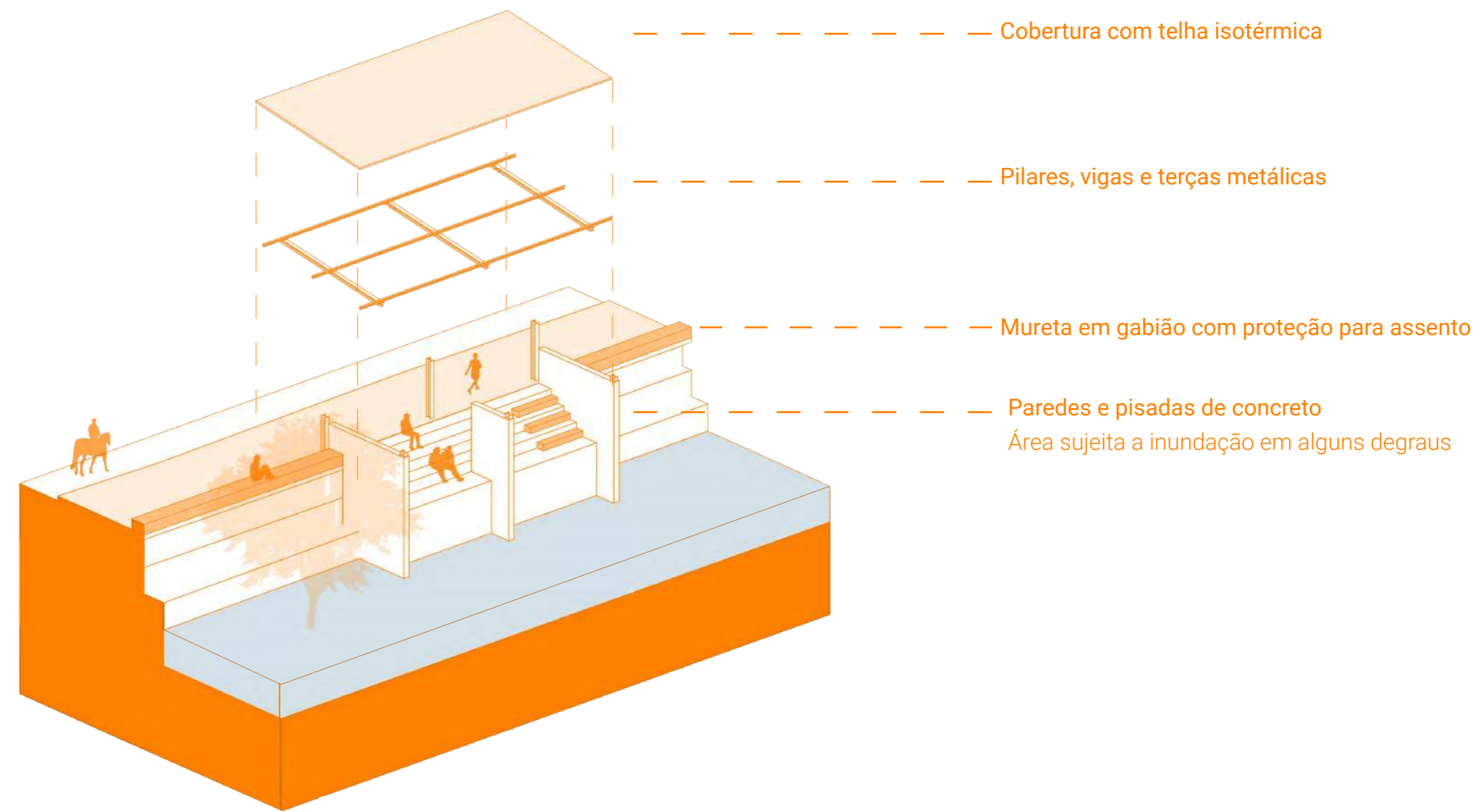
- A Banheiro público
- B Praça
- C Acesso do consumidor ao Mercado
- D Banheiro acesso funcionários
- E Passarela de acesso dos funcionários ao Mercado
- F Separação e tratamento inicial do lixo
- G Armazenamento produtos de limpeza
- H Fábrica de gelo
- I Limpeza do pescado
- J Local de descarte do lixo
- K Passarela de acesso do pontão à área de limpeza





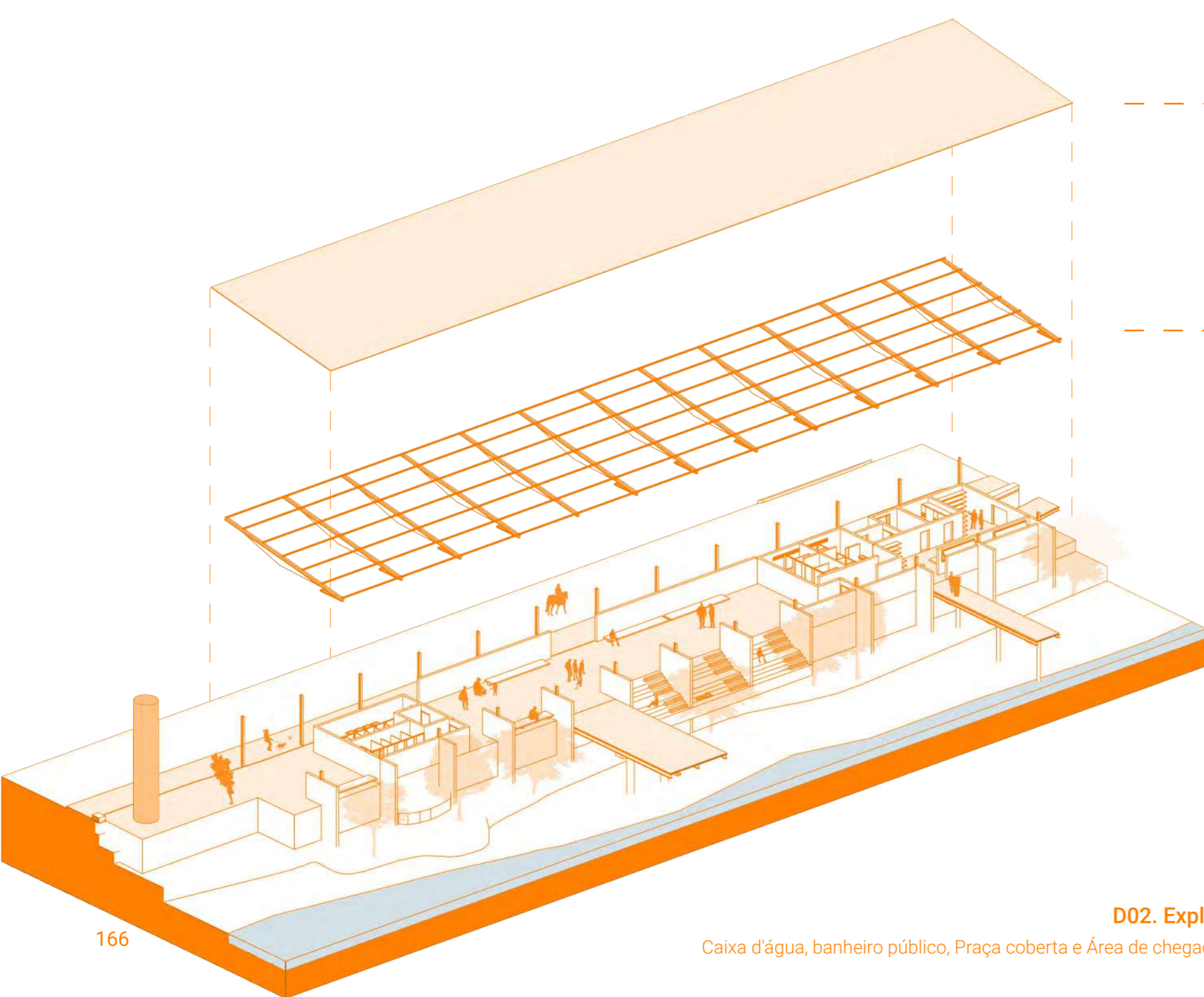
PL 05. Planta abrigo e muro em gabião

164
Praça e acesso ao Mercado



D01. Explodida

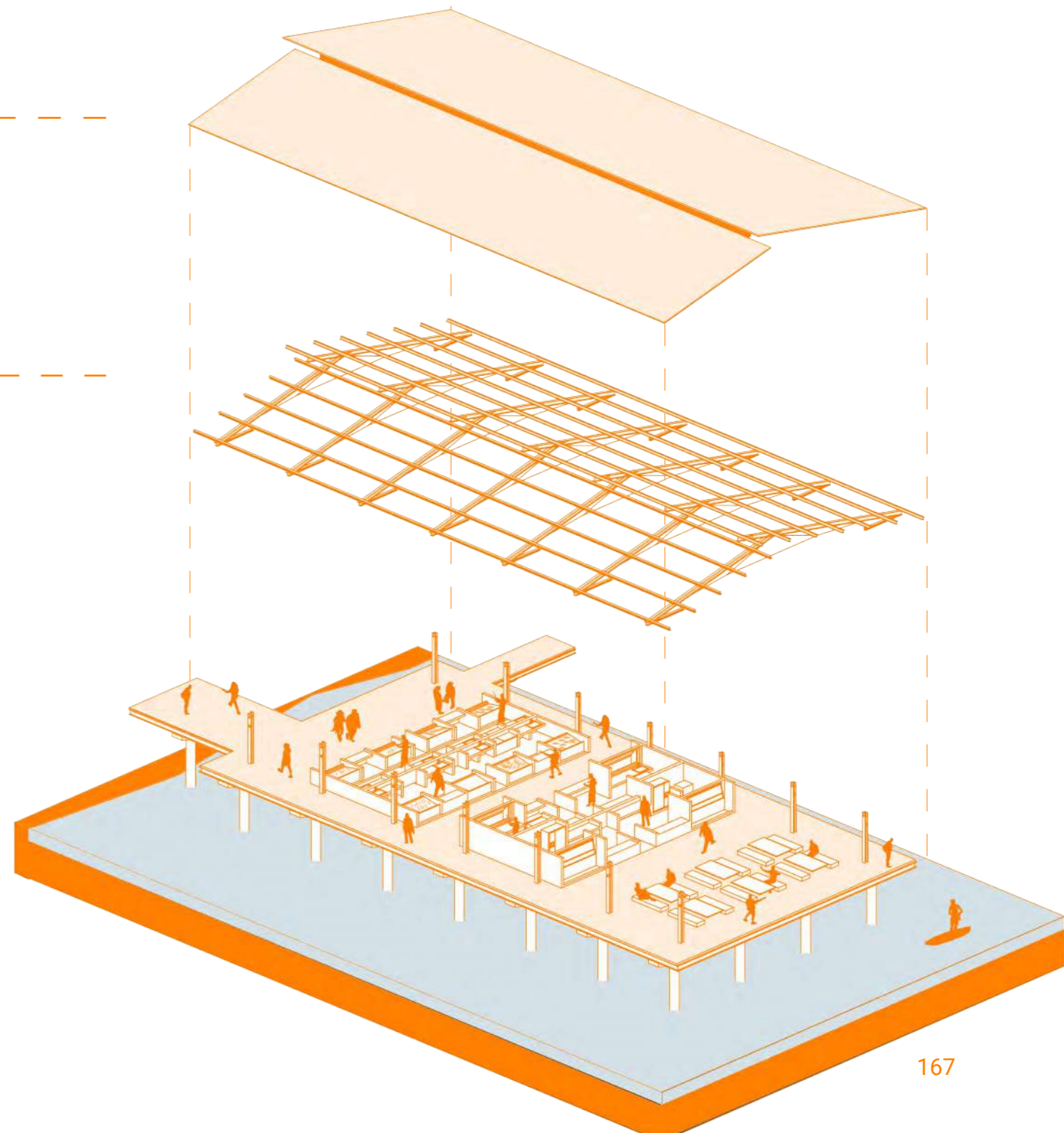
165
Trecho da orla e abrigo



D02. Explodida Praça
Caixa d'água, banheiro público, Praça coberta e Área de chegada do pescado

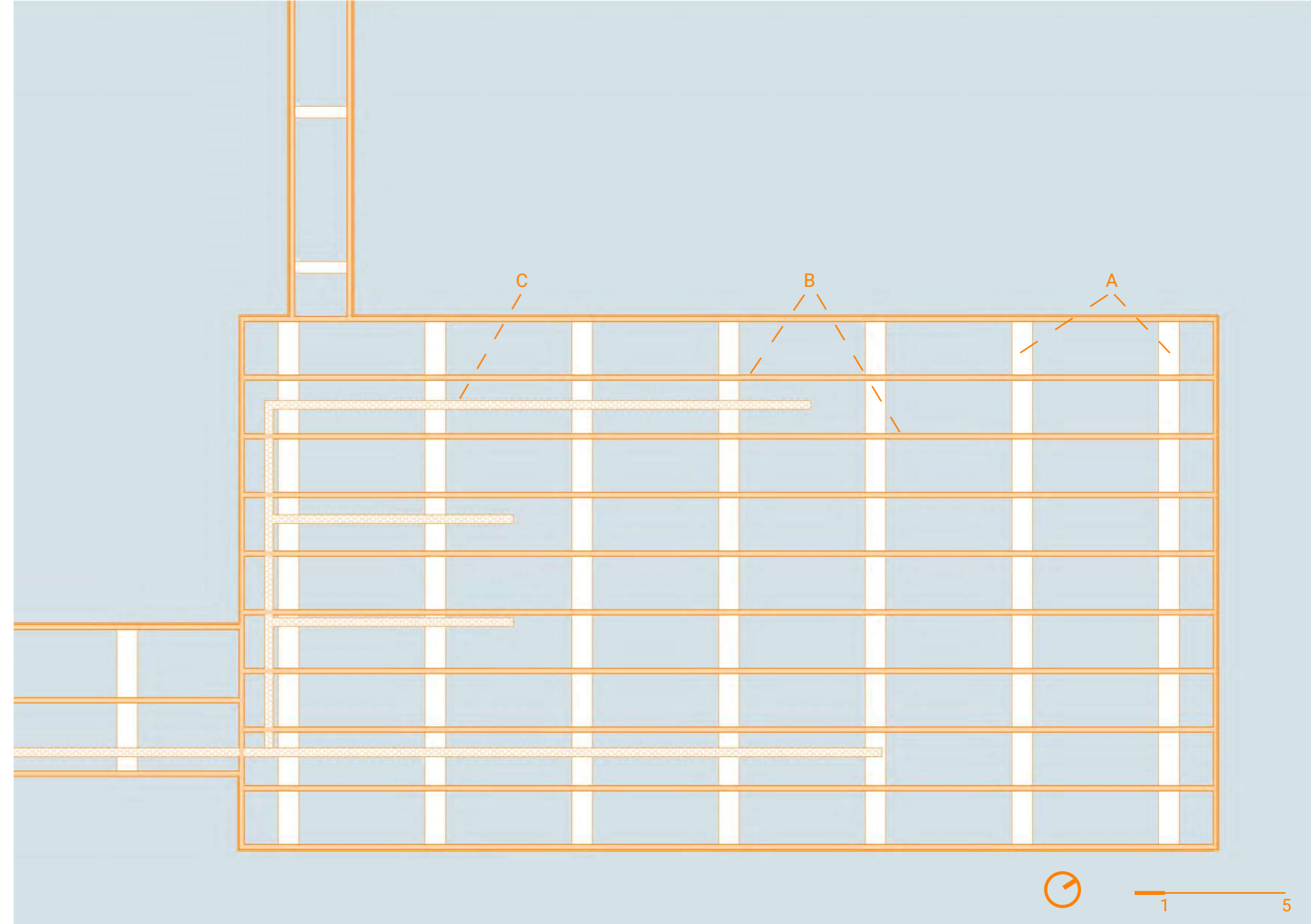
— Cobertura com telha isotérmica —

— Vigas e Terças metálicas —



D03. Explodida Mercado
Corte do Mercado com a praça ao fundo

A. Vigas de concreto
B. Vigas metálicas
C. Calhas para caminha-
mento das tubulações de
água e esgoto



A. Venda do pescado fresco

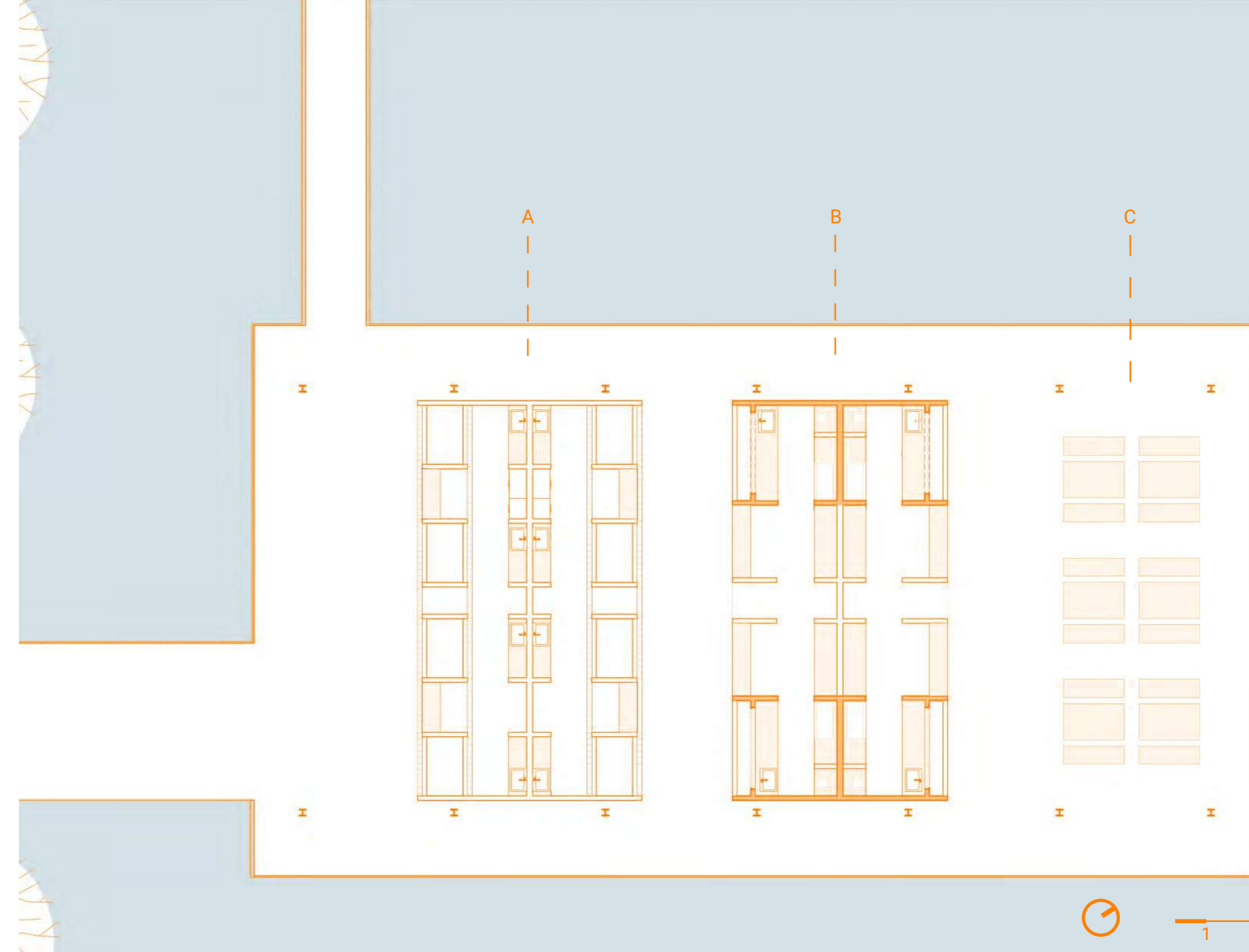
- 96m² de área útil + corredores e varanda
- 8 Bancadas e paredes em azulejo com rejunte epóxi
- Água corrente
- Grande distribuição de ralos para escoamento da água
- Zona de pagamento separada da área do expositor
- Freezer para armazenamento de gelo e pescado filetado

B. Venda do pescado beneficiado

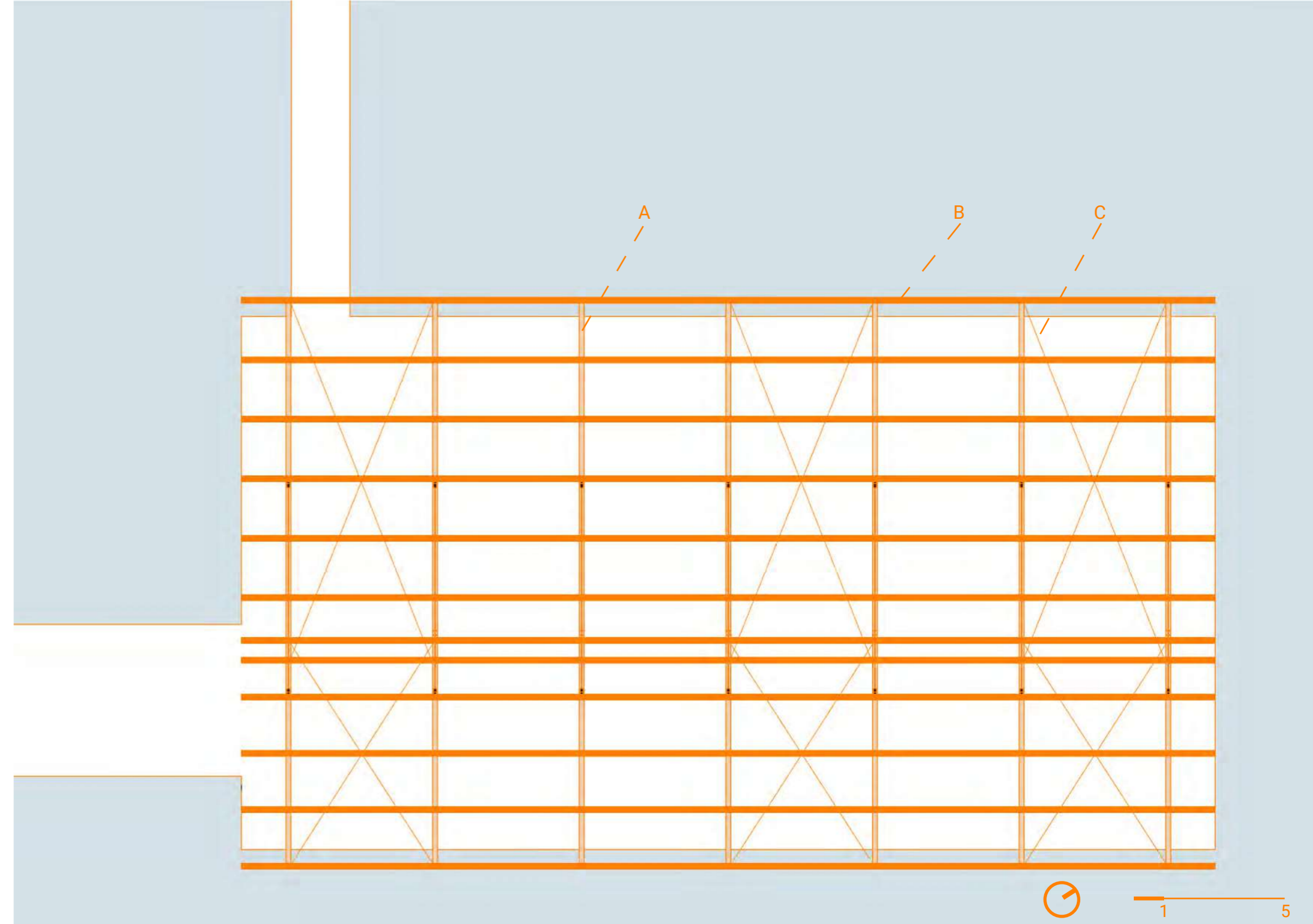
- 96m² de área útil + corredores e varanda
- 4 Áreas de preparo de alimentos fechadas e com exaustão
- Água corrente para limpeza e preparo dos alimentos
- Equipadas com fogão, coifa, geladeira
- Acabamentos em azulejo e rejunte epóxi para facilitar a limpeza

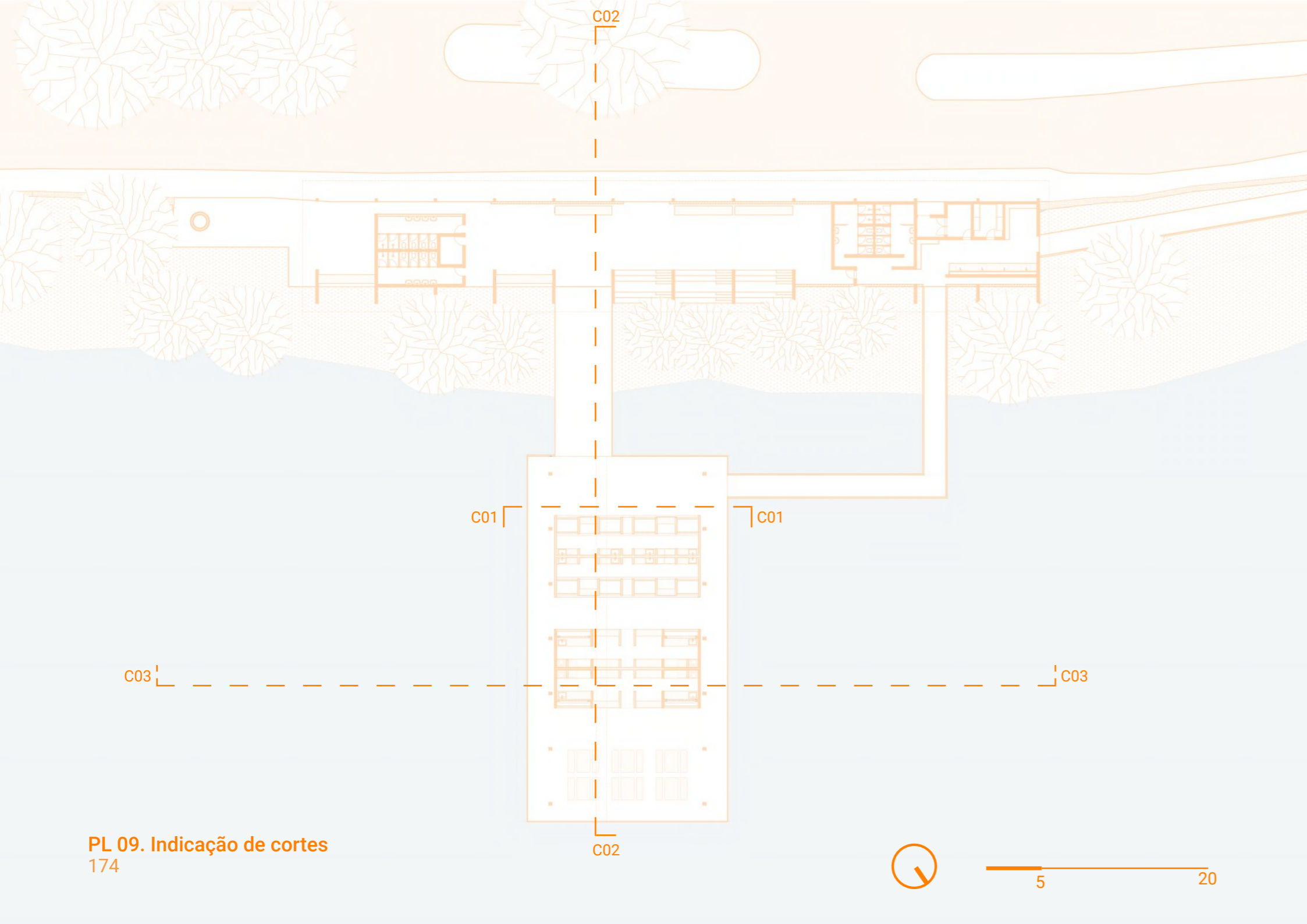
C. Praça de alimentação

- 96m² de área útil + corredores e varanda

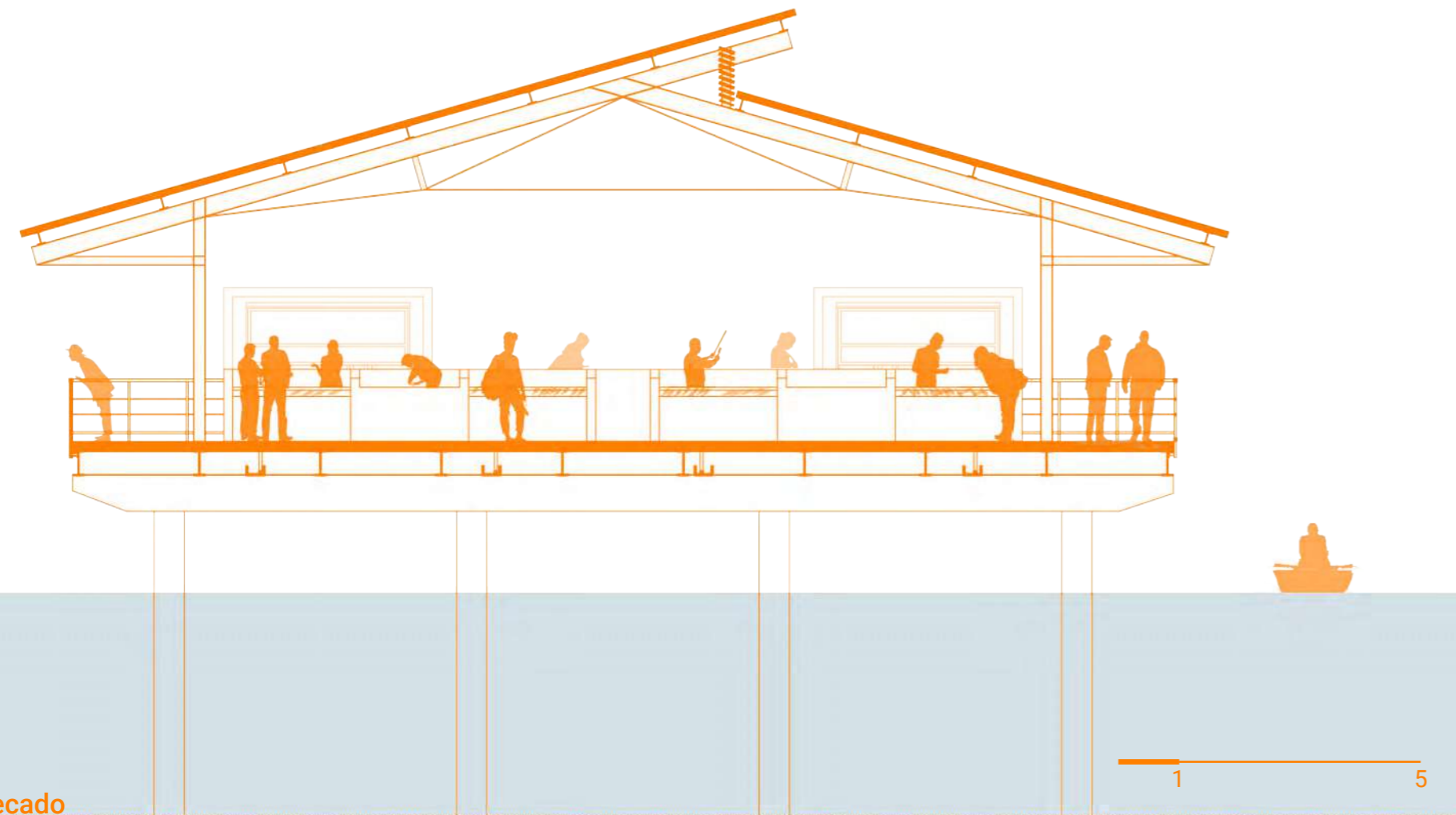


- A. Treliças
- B. Terças metálicas
- C. Tirantes

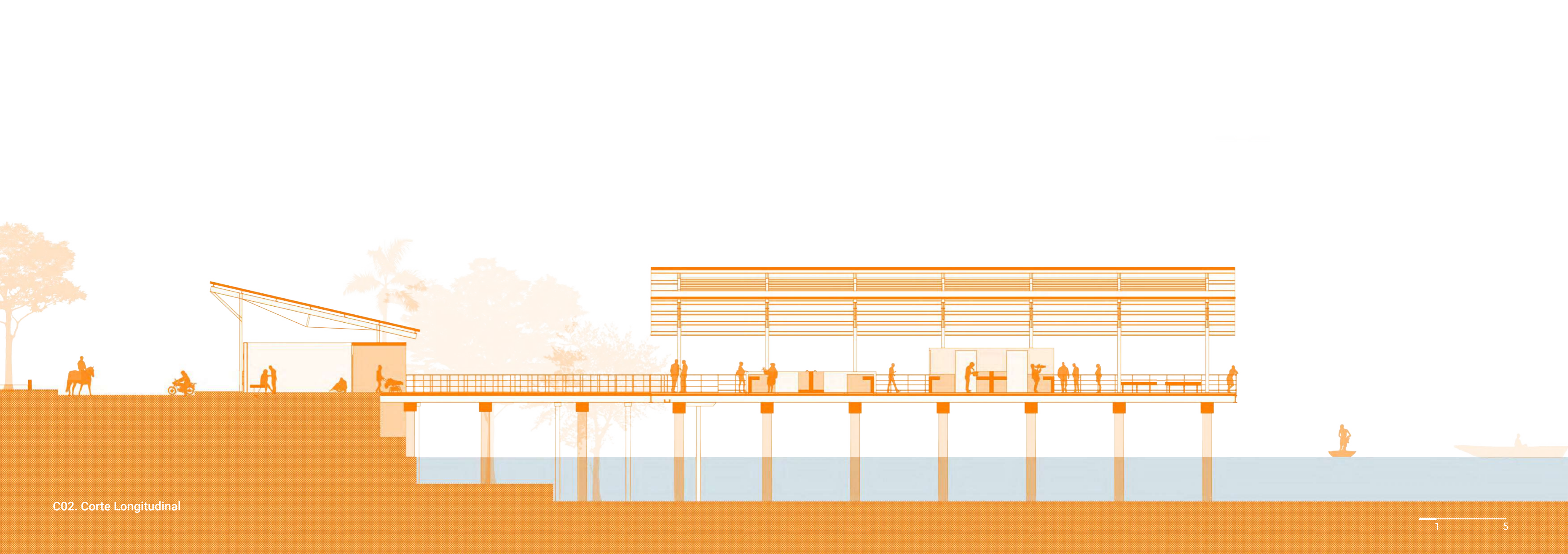




PL 09. Indicação de cortes
174

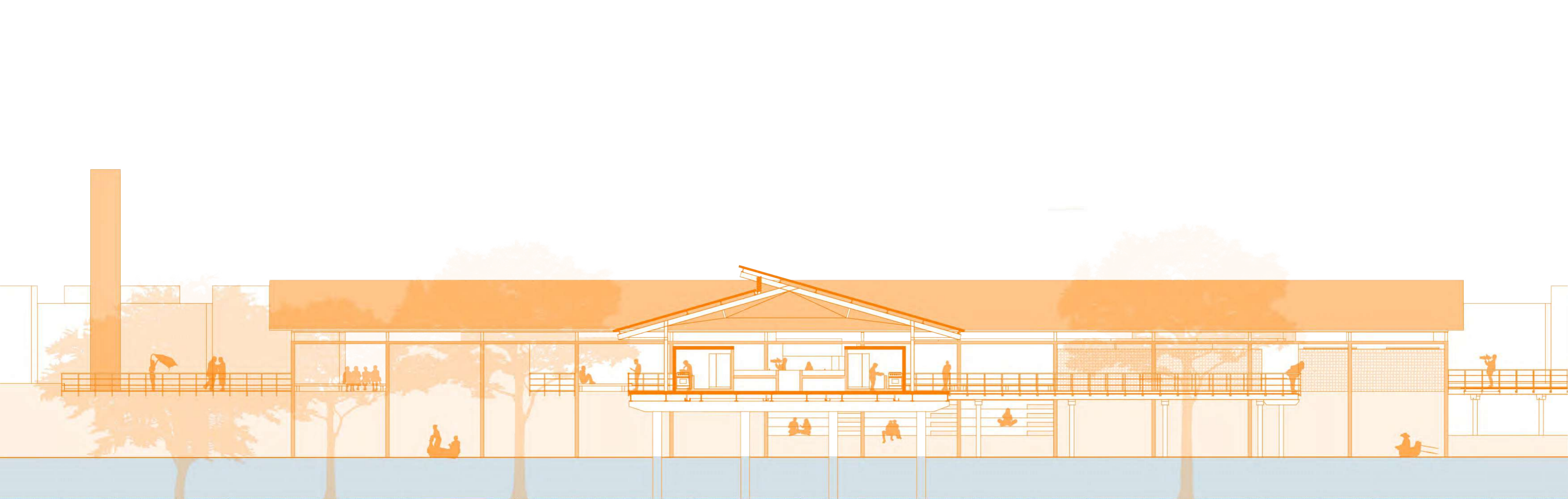


C01. Corte do Mercado

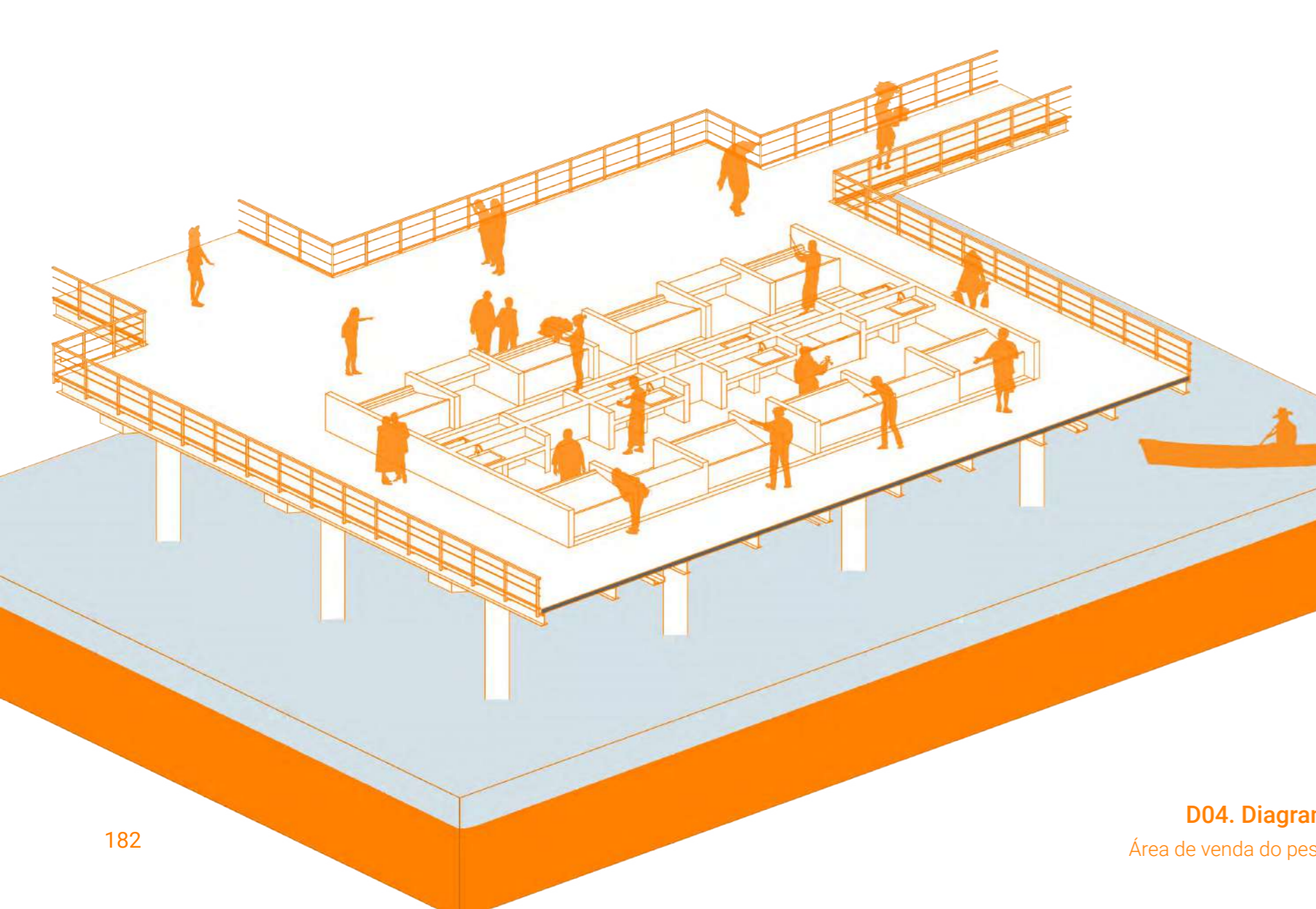


C02. Corte Longitudinal

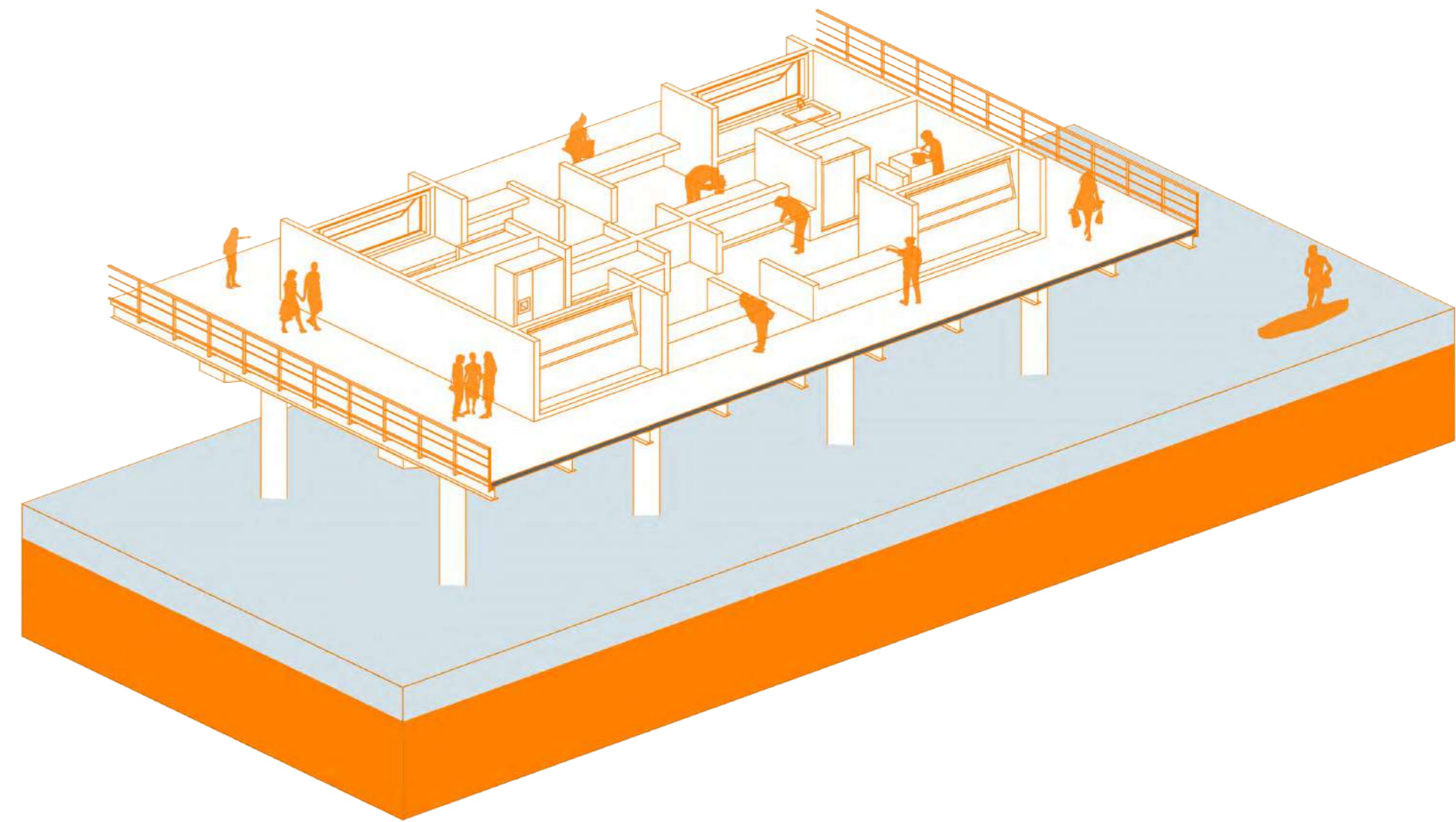
1 5



C03. Corte Transversal
Corte do Mercado com a praça ao fundo

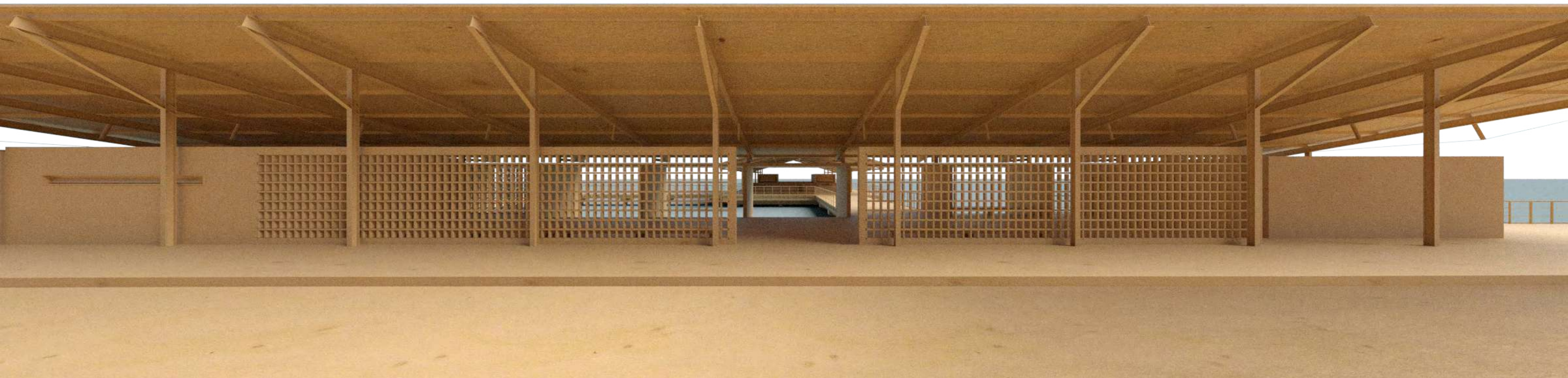


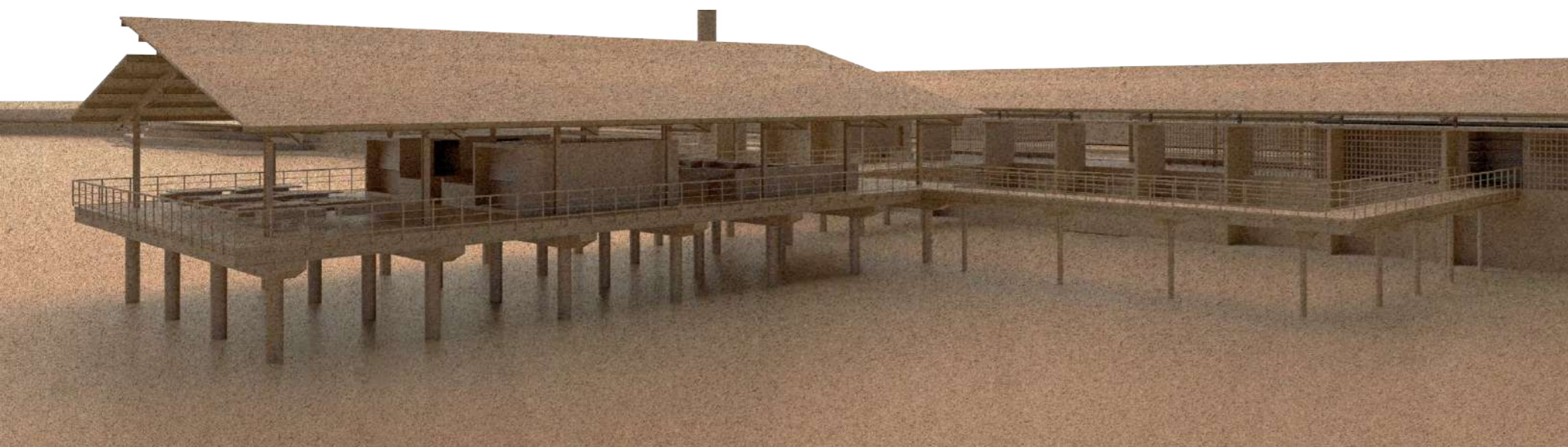
D04. Diagrama Mercado
Área de venda do pescado in natura

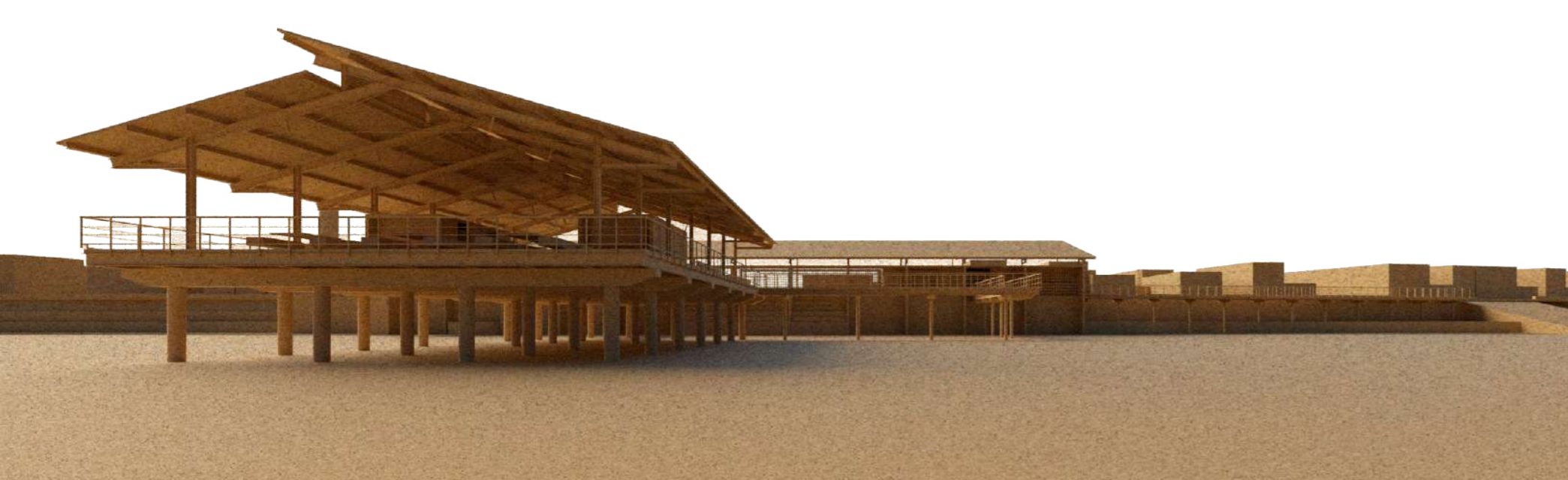


D05. Diagrama Mercado
Área de venda do pescado beneficiado

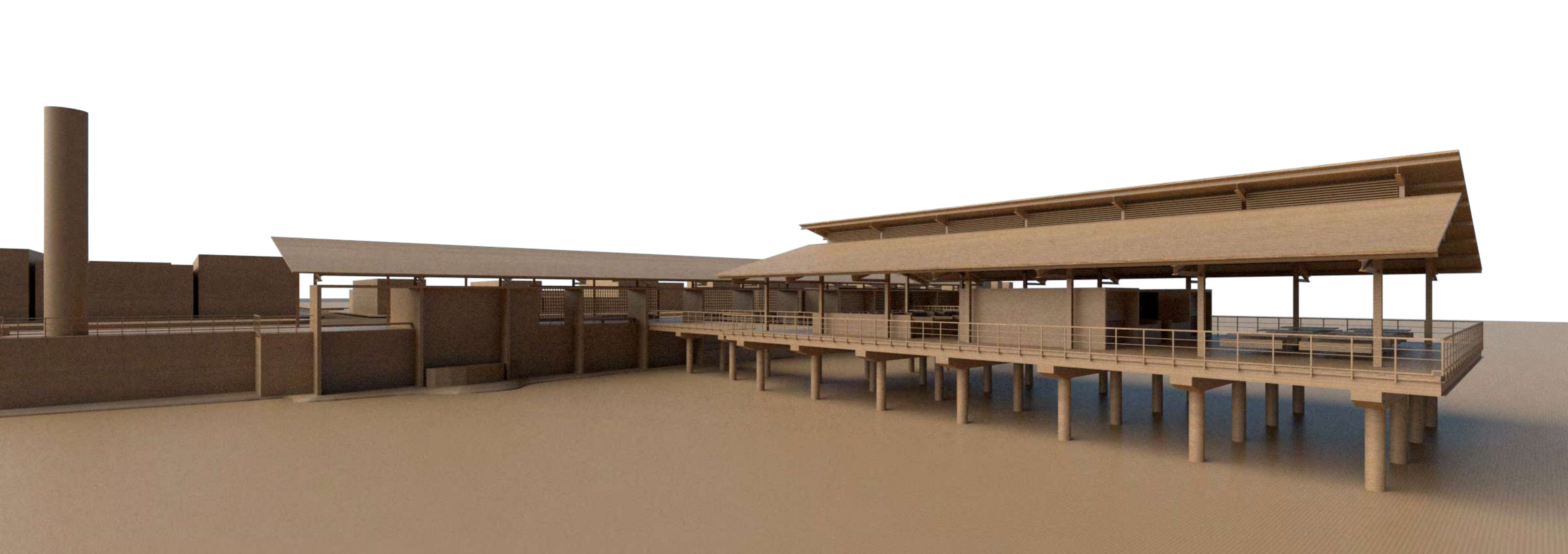
















Referências bibliográficas

KOHLER, H. C. Aspectos geocológicos da bacia hidrográfica do São Francisco (primeira aproximação na escala 1:1 000 000), p. 25-35. In: H. P. Godinho & A. L. Godinho (org.). Águas, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. 468p.

MELLO, Sandra Soares de. Na beira do rio tem uma cidade : urbanidade e valorização dos corpos d'água. 2008. 348 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SILVA, Cícero Bezerra da; VARGAS, Maria Augusta Mundim. Living between margins: senses of being ribeirinho sertanejo in the Baixo São Francisco. Geosaberes, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 177 - 188, sep. 2019.

NANTES, Mantinho. Relação de uma missão no Rio São Francisco : relação 2.ed. sucinta e sincera

da missão do padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris / ; tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho. - 2. ed. - São Paulo : 79-0940 Ed. Nacional, 1979

LUCIANI, Fernanda Trindade, and Sousa, Gabriel Soares de de. Tratado descriptivo do Brasil em 1587. Brasil, Hedra, 2010.

MARTIN, Gabriela. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco (Brasil). ClioSérie arqueológica-UFPE, v. 1, n. 13, p. 9-41, 1998

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de., Sousa, Gabriel Soares de. Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Brasil: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Relação de umWa missão no Rio São Francisco. Brasil, Companhia Editora Nacional, 1979.

TUXÁ, Manoel Uilton dos Santos. Cidades submersas pelo São Francisco guardam saudades e tristezas. Entrevista concedida a CBHSF. Brasil. 1 mar. 2021.

SILVA, Cícero Bezerra da; VARGAS, Maria Augusta Mundim. Viver entre margens: sentidos de ser ribeirinho sertanejo no baixo São Francisco. Geosaberes, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 177 - 188, set. 2019.

PACINI, Patrícia. Opará: cantos, contos e encantos do Rio São Francisco. Brasil, Matrix, 2015.

CASCUDO, Luis da Câmara: Literatura Oral no Brasil. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

PARDAL, Paulo. Carrancas do São Francisco. Brasil, Martins Fontes, 2006.

REZENDE, Priscila Costa, OLIVEIRA, Igor da Mata. DESCRIÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS PESCADORES NO BAIXO SÃO FRANCISCO, NORDESTE-BRASIL. Salvador: Revista de Desenvolvimento Econômico, 2015.

A cidade sergipana de Propriá. A Defesa, Propriá, 6 de março de 1952. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em 22/07/2021.

ARAGÃO, Carlos Roberto Britto; PRATA, Washington Luiz. Propriá 200 anos, notas e fotos do bicentenário. Brasil, Sociedade Semear, 2002.

LIMA, João Filgueiras, Max Risselada, Giancarlo Latorraca, and Risério António. A Arquitetura De Lelé fábrica e invenção ; Arquiteto João Filgueiras Lima. São Paulo, SP, Brasil: Imprensa Oficial, 2010.

GUIMARÃES ROSA, J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SILVA, G. B.; SANTOS, A. C. A sustentabilidade na cidade: uma leitura da imagem urbana a partir da orla de Propriá, Sergipe. Revista Oculum Ensaios, Campinas, v. 11, n. 1, p. 137-153, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/2287>>. Acesso em: 08 out. 2014.

BRITTO, João Fernandes de. Propriá nos seus Albores in Álbum Fotográfico e Comercial de Propriá. Propriá, Editora Guarani, 1952.

ARAGÃO, Carlos Roberto Britto; PRATA, Washington Luiz. Propriá 200 anos, notas e fotos do bicentenário. Brasil, Sociedade Semear, 2002.

